

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA – INHIS**

**GABRIEL MARTINS GOMES**

**AS VIDAS DE SÓCRATES BRASILEIRO: MEMÓRIAS CORINTIANAS**

**UBERLÂNDIA-MG**

**2023**

**GABRIEL MARTINS GOMES**

**AS VIDAS DE SÓCRATES BRASILEIRO: MEMÓRIAS CORINTIANAS**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Gilberto César de Noronha

**UBERLÂNDIA-MG**

**2023**

**GABRIEL MARTINS GOMES**

**AS VIDAS DE SÓCRATES BRASILEIRO: MEMÓRIAS CORINTIANAS**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Gilberto César de Noronha

Uberlândia, 01 de novembro de 2023.

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Gilberto César de Noronha  
(orientador)

---

Prof. Dr. Marcelo Lapuente Mahl  
(examinador)

---

Prof. Dr. Gustavo de Souza Oliveira  
(examinador)

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

G633 Gomes, Gabriel Martins, 2002-  
2023 As Vidas de Sócrates Brasileiro: Memórias Corintianas  
[recurso eletrônico] / Gabriel Martins Gomes. - 2023.

Orientador: Gilberto César de Noronha.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em  
História.

Modo de acesso: Internet.  
Inclui bibliografia.

1. História. I. Noronha, Gilberto César de, 1979-,  
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia.  
Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:  
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

## **Agradecimentos**

Fico um pouco receoso para escrever meus agradecimentos, pois sei que sempre nos esquecemos de pessoas que foram importantes em nosso caminho para a conclusão de nossos sonhos e objetivos. Por isso, dedico esse primeiro parágrafo a todos aqueles que virão a ler este trabalho e que poderão reclamar comigo que não foram lembrados, saibam que vocês são importantes para mim.

Meus agradecimentos especiais vão diretamente para a minha família, principalmente para meus pais, Luiz Aparecido Gomes, um homem de caráter, que me fez ser esse torcedor corintiano fanático e sofredor, que estamos sempre juntos para assistir às partidas do Corinthians, mesmo nas fases boas e ruins do time. Luiz sempre foi e será um grande pai, me apoiou em todas as fases da minha vida e esteve sempre ao lado de minha mãe, Katia Regina Martins Gomes, a quem também dedico esses agradecimentos especiais. Não conseguiria descrever o quanto eu sou agradecido a ela, uma mulher forte e batalhadora, sem ela eu não teria conseguido fazer metade das coisas que já fiz e ainda vou fazer. Tenho boas memórias e referências com meus pais, eles me tornaram quem eu sou hoje. Junto deles, meu agradecimento mais que especial vai para a minha irmã mais velha Karollyne Martins de Lorenzo, que entre tapas e socos durante toda nossa infância, até os dias de hoje, mostra o quanto ela foi essencial na minha carreira acadêmica e no meu desenvolvimento sobre questões políticas e sociais. Ela com certeza tem uma porcentagem do historiador que me tornei.

Agradeço aos meus falecidos avós, Gabriel Gonçalves Martins, Alaíde Mussi Gomes e José Gomes, que cuidaram de mim sempre com muito amor e carinho durante a minha infância e adolescência, sempre lembrarei e levarei vocês comigo em cada etapa da minha vida.

Agradeço à minha avó Gertruda Thyssen Martins, com quem até hoje tenho o prazer de escutar, rir e chorar de suas histórias na Holanda e os perrengues que passou no Brasil. Além de ser uma exímia pintora, é uma grande mãe e exemplo de mulher para toda a família.

Agradeço a todos os meus primos, em especial àquelas que estiveram a vida toda comigo: minha “quase irmã gêmea” Julia Martins de Paula e minha prima Paula Martins de Paula, também uma quase irmã.

Agradeço aos meus amigos da escola, dos videogames e do futebol, em especial os da UFU, que tiveram que aguentar 7 períodos comigo, entre eles meus amigos Gabriel Holanda,

Caio, Edgar, Hayanne, Iara, Mainá e Mateus, obrigado por sempre estarem juntos comigo nessa caminhada, tenho certeza de que serão ótimos historiadores. Além deles, também agradeço aos meus amigos da vida, aqueles que estiveram sempre ao meu lado, posso facilmente considerá-los “irmãos de outra mãe”, como meu xará Gabriel Martins, ao meu outro xará Gabriel Almeida, Iago Willian, Giovanna Santiago e João Carvalho.

Por fim, meus últimos agradecimentos especiais vão para aqueles que proporcionaram o acontecimento desse trabalho. Meu professor orientador Gilberto Noronha, que me ajudou muito mais do que eu esperava na construção do trabalho e a professora Ana Flávia Cernic, que me auxiliou nas ideias iniciais do projeto, na matéria de Métodos e Técnicas de Pesquisa em História. Por último, mas não menos importante, meus sinceros agradecimentos ao Sport Club Corinthians Paulista, meu time da alma, e também aquele que é o principal motivo do trabalho: Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira pela plenitude de sua existência plena de contradições.

## Resumo

Esta monografia explora a construção da memória em torno de Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, destacando sua atuação na "Democracia Corinthiana". O estudo abrange os registros de sua vida desde 1954, até seu falecimento em 2011, ao examinar biografias, depoimentos e fotografias que o retratam nesse contexto. Procurando analisar a interseção entre a figura de Sócrates e o movimento, são analisadas três biografias do ex-jogador: "Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro", por Tom Cardoso; "Sócrates & Casagrande: uma história de amor", por Gilvan Ribeiro e Walter Casagrande; e "Doutor Sócrates", por Andrew Downie. Propôs-se uma análise histórica dos autores e obras selecionadas, a fim de buscar compreender quem eles são, os motivos que os levaram a escrever uma biografia de Sócrates. Considerando a natureza coletiva da 'Democracia Corinthiana', o foco recai na análise do papel específico desempenhado por Sócrates nas lutas pela democracia no Brasil, especialmente nos anos derradeiros da ditadura militar brasileira (1964-1985). Este estudo visa sobretudo compreender como sua memória é (re)construída na distinção de sua participação dos demais participantes do evento, utilizando as biografias póstumas como principal fonte de investigação. Para tanto, considera-se a biografia como uma fonte e um gênero significativo para os estudos históricos, investigando seu papel na construção da memória social. Por fim, evidenciamos a relevância do trabalho pela constatação da carência de trabalhos acadêmicos de História sobre o tema, tanto daqueles que abordam o futebol, quanto a "Democracia Corinthiana".

**Palavras-chave:** Sócrates Brasileiro; Democracia Corinthiana; Biografias; História e memória.

## Abstract

This monograph explores the construction of memory around Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, highlighting his role in "Democracia Corinthiana" (Corinthians Democracy). The study covers records of his life from 1954, until his death in 2011, examining biographies, testimonies and photographs that portray him in this context. Seeking to analyze the intersection between the figure of Sócrates and the movement, three biographies of the former player are analyzed: "Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro", by Tom Cardoso; "Sócrates & Casagrande: uma história de amor", by Gilvan Ribeiro and Walter Casagrande; and "Doutor Sócrates", by Andrew Downie.. A historical analysis of the selected authors and works was proposed, in order to understand who they are, the reasons that led them to write a biography of Socrates. Considering the collective nature of "Democracia Corinthiana", the focus is on the analysis of the specific role played by Sócrates in the struggles for democracy in Brazil, especially in the final years of the Brazilian military dictatorship (1964-1985). This study aims above all to understand how his memory is (re)constructed in the distinction between his participation and the other participants in the event, using posthumous biographies as the main source of investigation. To this end, biography is considered as a source and a significant genre for historical studies, investigating its role in the construction of social memory. Finally, we highlight the relevance of the work by noting the lack of academic History works on the topic, both those that address football and "Democracia Corinthiana".

**Keywords:** Brazilian Socrates; Corinthian Democracy; Biographies; History and memory.



## Lista de Figuras

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 Capa da biografia de Sócrates escrita por Tom Cardoso                        | 16 |
| Figura 2 Capa da biografia de Sócrates escrita por Walter Casagrande e Gilvan Ribeiro | 20 |
| Figura 3 Capa da biografia de Sócrates escrita por Andrew Downie                      | 22 |
| Figura 4 Trecho da Revista Placar de 1977.  | 40 |
| Figura 5 Show de Rita Lee com os líderes da Democracia Corinthiana                    | 59 |
| Figura 6 Sócrates e sua icônica comemoração.  | 61 |

## Sumário

|   |    |
|---|----|
| Introdução  | 11 |
| Capítulo 1: Vidas lembradas: As biografias de Sócrates                              | 16 |
| 1.1 Os biógrafos: Quem são?   | 16 |
| 1.2 Como escrever uma biografia sobre Sócrates?                                     | 23 |
| 1.3 Por que escrever uma biografia de Sócrates?                                     | 27 |
| Capítulo 2: Vida Vivida   | 30 |
| 2.1 O nascimento de Sócrates: Brasileiro e Paraense                                 | 30 |
| 2.2 As carreiras de Sócrates: Doutor e Jogador                                      | 37 |
| 2.3 Memórias Corintianas: Jogador e Democrata                                       | 41 |
| 2.4 Considerações sobre a Democracia Corintiana e o futebol em trabalhos acadêmicos | 66 |
| Conclusão   | 69 |
| Referências Bibliográficas  | 74 |

## Introdução

“Doutor, eu não me engano. Meu coração é corintiano.”

(Manoel Ferreira e Ruth Amaral, 1968)<sup>1</sup>.

Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, Magrão ou simplesmente Doutor Sócrates. Estes são os nomes de um dos maiores ídolos dos amantes de futebol, principalmente daqueles que se denominam torcedores do Sport Club Corinthians Paulista e da seleção brasileira de futebol. Sua contribuição para o mundo futebolístico foi além das quatro linhas do gramado e atingiu a esfera política e social vigente, nos anos finais da ditadura militar brasileira. Uma figura pública marcante e controversa que empresta seu nome ao “Prêmio Sócrates” da revista *France Football*<sup>2</sup> destinado a atletas que se destacam não apenas em campo, mas também por seu impacto positivo na sociedade por meio do esporte. Tal destaque foi motivado principalmente por estar associado ao movimento político que ficou conhecido como “Democracia Corinthiana”.

A denominação Democracia Corinthiana é atribuída ao jornalista Juca Kfoury, um dos mais relevantes cronistas esportivos da época e um dos homens mais importantes e fundadores da revista Placar. Em palestra envolvendo vários dos homens integrados no meio futebolístico, como Washington Olivetto, publicitário do Corinthians, e Sócrates, líder dos jogadores dentro do clube, o jornalista teria criado essa expressão enquanto o jogador explicava a plateia como funcionava o cotidiano do clube. Antes da nomeação, o movimento acontecia de forma orgânica, sem pensar no que se era, já era-se a Democracia Corinthiana<sup>3</sup>

Integrando um movimento social mais amplo, entretanto, na construção da memória do movimento pela mídia e pelos amantes do futebol, o nome de Sócrates parece ter sido destacado dos demais personagens que participaram deste evento político. Tem sido reconhecido como o líder e o pilar da democracia corintiana. Para isso, entender como a memória de Sócrates tem sido construída e evocada pelas pessoas se faz fundamental para compreender e situar sua personalidade nas teias mais amplas do acontecimento. Dessa

---

<sup>1</sup>Marchinha de Carnaval (com Silvio Santos) - **Transplante Corinthiano**. Meu Timão. Disponível em: <[https://www.meutimao.com.br/musicas-do-corinthians/marchinha\\_de\\_carnaval\\_com\\_silvio\\_santos\\_transplante\\_corinthiano](https://www.meutimao.com.br/musicas-do-corinthians/marchinha_de_carnaval_com_silvio_santos_transplante_corinthiano)>. Acesso em: 10 out. 2023.

<sup>2</sup>A revista *France Football* também é responsável e conceituada por eleger o melhor jogador de futebol do mundo, após a revelação do ganhador do “Prêmio Sócrates”.

<sup>3</sup>ACCORSI, A. C. et al. **Indiretamente pelas diretas: A democracia corintiana no Conjunto das Manifestações pelas Diretas Já!** Revista Cantareira, n. 27, 2017. p.33. Disponível em <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27974>. Acesso em 24 de out. 2023.

forma, a partir da análise de um determinado gênero textual, a biografia, nos propusemos a revisitar como a vida dessa personagem tem sido reconstruída.

O gênero biográfico, não só para a escrita da história, atravessou os tempos praticado em diferentes roupagens e significados desde o seu surgimento na Antiguidade, quando ainda era denominada como “vidas”, que até então se distinguia da História por ser um gênero descritivo do público e do privado. Na longa duração deste gênero, a biografia manteve os elementos necessários para atrair a atenção do leitor, visto que essas obras procuram narrar acontecimentos específicos da vida de uma determinada pessoa, em que o leitor tem o interesse direto em compreender a sua trajetória, bem como se inspirar e entender as experiências do biografado, visto que frequentemente o biografado não se encontram em vida.<sup>4</sup>

Em sua origem, a escrita biográfica se distingue da escrita histórica. Isso se deve ao fato de que a biografia pode ser produzida tanto para a narrativa pública quanto privada e não requer um compromisso com a verdade factual, uma vez que o autor tem a liberdade de usar sua imaginação<sup>5</sup>. Esse é um aspecto que a diferencia da escrita histórica que, desde pelo menos Heródoto, e sobretudo Tucídides, se baseia principalmente em um discurso verossímil. Em outras palavras, a principal distinção entre os dois gêneros está na utilização de subjetividades na construção do texto. Como afirma João Muniz Junior, a biografia:

[...] foi alvo de disputas epistemológicas, teórico-metodológicas, mas nunca perdeu sua essência: a constituição híbrida, isto é, a tensão entre um regime de verdade e a liberdade criativa (LORIGA, 2011). [...] Ou seja, a biografia nasce como gênero híbrido, compósito. Isto foi por muito tempo a marca de nascença que simbolizava o estigma da biografia, mas hoje podemos enxergar nesta marca a singularidade mesmo de um sucesso e mais, de veredas ricas em possibilidades de análise e escrita historiográfica.<sup>6</sup>

Assim sendo, a biografia oferece a oportunidade de reconstruir um evento social, que inclui as instituições políticas e os contextos sociais que estão ligados aos aspectos temporais da vida dos indivíduos biografados. Esses aspectos podem ajudar a compreender o contexto histórico em que o biografado viveu. No entanto, nos dias de hoje, o gênero biográfico não se preocupa tanto com a ficção como na Antiguidade, embora ainda permita seu uso em determinadas partes do texto. Isso ocorre porque o biógrafo também é responsável por mostrar “[...] o processo de interpretação das fontes, para que a transparência seja alcançada.

---

<sup>4</sup>MUNIZ JUNIOR, João. **Biografia e história: panteonização e iconoclastia em narrativas de Raimundo Magalhães Junior**. 2015. 283 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015. p. 16.

<sup>5</sup>Ibid

<sup>6</sup>Ibid. p 16-17

Afinal de contas, tanto a gênese quanto a interpretação dos documentos ocorrem dentro e em um jogo de contextos”<sup>7</sup>.

Por esse motivo, a biografia torna-se um gênero textual que precisa demonstrar a necessidade de validação e credibilidade ao leitor. Em outras palavras, sua legitimidade só será alcançada se apresentar uma impressão verdadeira dos eventos, mesmo quando as questões inerentes à ação humana sejam difíceis de serem comprovadas por métodos científicos.

Quando é o historiador a abraçar, ele próprio, o gênero biográfico, conforme observou Alexandre Avelar, inspirado em François Dosse (2007):

Deve o biógrafo explicitar aos seus leitores as razões da escolha do personagem biografado, a natureza objetiva do seu empreendimento, suas metodologias de trabalho, fontes, conceitos e as perguntas que fará. Expõe, portanto, as credenciais que legitimam sua participação neste “contrato de leitura” com seus leitores (Dosse, 2007, p. 70). Elas supõem que o seu texto será distinto de uma obra ficcional, pois poderá ser posto à prova de verificação pelos critérios e métodos do estudo científico.<sup>8</sup>

Nesse sentido, o biógrafo-historiador, ou como é o caso dessa proposta, o historiador que dialoga com biografias, precisa ser extremamente metódico e cuidadoso ao construir seu texto, pois o hibridismo entre o polo científico e o polo ficcional pode encontrar lacunas documentais e questões sem resposta. Nesse sentido, é crucial que ele não apresente a vida de seu biografado como uma trajetória linear, marcada por regularidades e eventos que parecem pré-determinados desde sua infância. Conforme explicita Albuquerque Júnior, na produção das biografias, o historiador deve ser alguém que: “não aponta caminhos únicos, mas que descobre bifurcações, entroncamentos, cruzamentos de caminhos que são ao mesmo tempo fronteiras e possibilidades.”<sup>9</sup>

Assim sendo, compreende-se que para a elaboração de uma biografia, ou ao interpelar biografias, atualmente, o biógrafo-historiador deve se preocupar em compreender como o biografado se constitui no ambiente em que viveu e como ele reagiu aos acontecimentos dos quais participou. Isso implica em analisar a fonte de informações e basear o texto na vivência dos indivíduos envolvidos, a fim de compreender, que em grande medida é também instituir o sentido e o significado de sua vida. Além disso, o historiador biógrafo precisa considerar diversos fatores durante a elaboração de sua obra, como o contexto social e político do

---

<sup>7</sup>Ibid. p. 22

<sup>8</sup>AVELAR, A. S. **A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões**. Revista de História (UFES), v. 24, p. 157-172, 2010. p. 167

<sup>9</sup>JÚNIOR, 2007 apud AVELAR, 2010 p. 162-163.

biografado, nas contingências de seu tempo histórico. É importante ainda levar em conta o público-alvo que se pretende alcançar e o método a ser utilizado, uma vez que historiadores e jornalistas têm abordagens distintas nessa tarefa.<sup>10</sup>

Por sua vez, o historiador que utiliza biografias como fontes deve adotar uma abordagem crítica e cautelosa. Isso envolve entender o autor da biografia, sua credibilidade e possíveis vieses. A análise deve incluir a identificação de fontes primárias e secundárias, a busca por corroboração com outras fontes, avaliação do conteúdo da biografia, contextualização histórica, consideração das motivações do biógrafo e comparação com outras biografias. Reconhecer os limites teóricos, metodológicos e ideológicos das biografias é crucial, e a utilização responsável dessas fontes na narrativa histórica é essencial para uma interpretação consistente dos eventos e personalidades em questão.

Por isso, ao tomar as biografias como vestígios das formas de lembrar, interrogadas como legítimas fontes históricas, o objetivo principal deste trabalho é realizar uma análise crítica de três biografias de Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, ex-jogador de futebol e médico, escritas por diferentes autores, em diferentes momentos, procurando-se compreender o processo de construção biográfica do jogador e da sua centralidade na evocação da lembrança do movimento social conhecido como Democracia Corintiana vivenciada entre 1982 e 1984.

As biografias de Sócrates foram utilizadas como fontes históricas, analisadas de forma comparativa, a fim de conhecer as suas semelhanças e diferenças, quando se propuseram a reconstruir a vida de Sócrates. Não obstante, todas elas foram publicadas após o falecimento do ex-jogador, que ocorreu no dia 04 de dezembro de 2011.

A primeira biografia que será analisada, "Sócrates: A história e as histórias do jogador mais original do futebol brasileiro", foi escrita e publicada pelo jornalista Tom Cardoso no ano de 2014. A obra se concentra na participação de Sócrates na Democracia Corintiana e como ele teria sido uma figura importante para o movimento, com alguns destaques para outros jogadores.

A segunda biografia a ser analisada é "Sócrates & Casagrande: Uma história de amor", escrita e publicada pelo ex-companheiro de equipe Walter Casagrande e o jornalista Gilvan Ribeiro no ano de 2016. Tem como objetivo mostrar os eventos políticos vividos juntos, como a Democracia Corintiana e as Diretas Já, e outros relatos pessoais e emocionantes do que a dupla vivenciou até a data do falecimento de Sócrates.

---

<sup>10</sup>AVELAR, A. S. 'Toda vida pode ser contada'. **Razão histórica e biografia em Wilhelm Dilthey**. REVISTA DE TEORIA DA HISTÓRIA, v. 17, p. 301, 2017.

A terceira e última biografia que será analisada é a “Doutor Sócrates”, publicada originalmente em inglês, com o nome “*Doctor Socrates: Footballer, Philosopher, Legend*” pelo jornalista escocês Andrew Downie, no ano de 2017 e a sua versão em português publicada em novembro de 2021, pela editora Grande Área. Nela, a vida do ex-jogador é recontada com base em uma coletânea com diversos depoimentos de familiares, amigos e colegas.

Por fim, a pesquisa tem como objetivo geral analisar como foi reconstruída a vida e a memória de Sócrates por cada uma dessas obras biográficas, procurando compreender como elas dialogam com a construção social e histórica de Sócrates como participante da Democracia Corinthiana, reconhecendo-se desde já que existiram outras figuras importantes no movimento. São objetivos específicos da pesquisa a análise das biografias supracitadas como fontes históricas e a partir disso entender como estas obras construíram uma memória de Sócrates e dimensionaram sua participação na “Democracia Corinthiana”. Não obstante, compreender a complexidade do movimento e seus diferentes atores, para a partir disso, analisar o posicionamento político dos jogadores de futebol desafiando a máxima do senso comum de que futebol e política não se misturam, ou especificamente compreender como ocorreu esta mistura no período da ditadura civil-militar brasileira.

Assim, para a apresentação dos resultados referentes aos objetivos, o texto foi organizado em dois capítulos. No primeiro capítulo, realizo uma análise externa das obras, identificando quem são os autores das respectivas biografias que serão utilizadas como fontes históricas na construção da memória do jogador: Quem, como, por que e para que foram escritas.

Em seguida, no segundo capítulo é apresentada a análise interna das obras, com as quais dialogo para escrever a minha própria versão biográfica de Sócrates, a partir do espectro de um historiador, apontando as semelhanças, divergências e quais assuntos são tratados ou não por elas.

Por fim, apresento um balanço dos desafios da tentativa de reconstituir historicamente a vida de Sócrates com as biografias, explorando o que estes trabalhos evocam de sua constituição familiar, seu nascimento, sua carreira como jogador, até à morte, de maneira a tentarmos compreender como as narrativas reconstroem sua vida e evocam os feitos que o fizeram se tornar um símbolo tanto dentro, quanto fora dos gramados.

## Capítulo 1: Vidas lembradas: As biografias de Sócrates

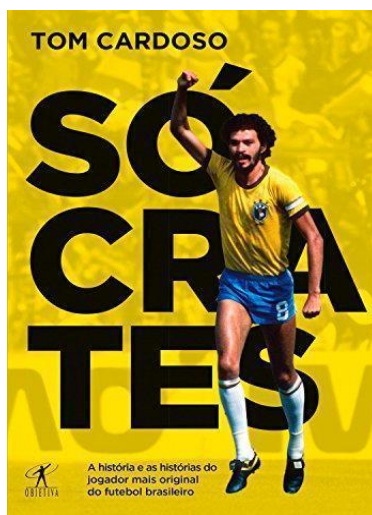
À medida que o tempo passa, percebemos cada vez mais que Sócrates ficará gravado para sempre como um personagem incontornável da história do Brasil. (Raí Souza Vieira de Oliveira, 2021)<sup>11</sup>

### 1.1 Os biógrafos: Quem são?

Tanto no campo do jornalismo quanto no historiográfico, a escrita de biografias desempenha um papel fundamental na compreensão da vida e das realizações de indivíduos notáveis. Através dessas obras, tem-se a oportunidade de explorar a história, os feitos e os impactos de personalidades influentes, contribuindo para a construção do conhecimento histórico e para o entendimento das dinâmicas sociais.

Dentre os autores das biografias analisadas, o primeiro é o jornalista brasileiro Tom Cardoso, autor de "Sócrates: A história e as histórias do jogador mais original do futebol brasileiro", publicada em 2014.

*Figura 1 Capa da biografia de Sócrates escrita por Tom Cardoso*



Fonte: CARDOSO, Tom. **Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

<sup>11</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 11.



Em entrevista a Jaqueline Lemos Martins<sup>12</sup>, Cardoso revela que vem de uma família de jornalistas renomados, incluindo seu pai, avô e bisavô, que também seguiram essa profissão. Ele compartilha sua trajetória profissional, marcada por diversas experiências no campo do jornalismo. Em 1994, ainda cursando o primeiro ano de faculdade na Fiam (Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e o FIAM-FAAM Centro Universitário), ingressou como estagiário no Estadão (Jornal *O Estado de São Paulo*), o qual descreve como sua grande escola ao longo dos anos.

Passou por diferentes editorias, incluindo esportes no Jornal da Tarde e o Caderno 2 do Estadão. Apesar de ter trabalhado em redações durante um longo período, há mais de uma década, Tom atua como freelancer, realizando reportagens para o Valor Econômico e algumas revistas. Além disso, destaca sua atuação como biógrafo, com três livros já publicados<sup>13</sup>. Essa diversidade de atividades reflete seu comprometimento e as habilidades adquiridas ao longo de sua carreira no jornalismo.

Já o autor de "Sócrates & Casagrande: Uma história de amor", foi escrita em conjunto por Gilvan Ribeiro e Walter Casagrande. O primeiro, um renomado jornalista esportivo que iniciou sua carreira em 1986. Sua trajetória na área teve início no Diário de S. Paulo, onde atuou como editor e colunista por 22 anos. Em 2014, assumiu a editoria de esportes do jornal *Agora São Paulo*, consolidando neste veículo sua presença no campo jornalístico esportivo.<sup>14</sup>

Nascido em Bauru, interior de São Paulo, no dia 31 de dezembro de 1964, Gilvan Ribeiro começou a escrever para a revista Globo Rural enquanto ainda estava concluindo seu curso de Comunicação Social na Faculdade Cásper Líbero. Foi nesse período que descobriu sua paixão pelo jornalismo esportivo e, em 1987, teve sua primeira oportunidade no ramo ao ser contratado pelo Grupo Folha. Em 1991, Gilvan Ribeiro transferiu-se para o Diário Popular, que posteriormente passou a ser chamado de Diário de São Paulo. Durante esse período, também trabalhou como repórter para a TVA Sports e a ESPN Brasil, ampliando sua experiência no campo esportivo.<sup>15</sup>

Ao longo de sua carreira, Gilvan Ribeiro foi um repórter polêmico e se envolveu em dois episódios marcantes. No primeiro, ocorrido em 1994, durante um clássico entre

---

<sup>12</sup>MARTINS, Jaqueline Lemos. **O autor e o narrador nas tessituras da reportagem** / Jaqueline Lemos Martins. -- São Paulo: J.L. Martins, 2016. 267p.

<sup>13</sup>"O Marechal da Vitória", que reconstitui a vida do empresário Paulo Machado de Carvalho, "75KG de músculos e fúria", sobre o jornalista Tarso de Castro e "Sócrates: A história e as histórias do jogador mais original do futebol brasileiro, sendo as duas primeiras publicadas respectivamente no ano de 2005 e a terceira em 2014.

<sup>14</sup>RIBEIRO, Gilvan - **Que fim levou? - Terceiro Tempo**. Terceiro Tempo. Disponível em: <<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/gilvan-ribeiro-5892>>. Acesso em: 7 jul. 2023.

<sup>15</sup>Ibid

Corinthians e Santos, foi agredido por Serginho Chulapa, então técnico santista. Serginho havia sido expulso da partida e se irritou com o jornalista, que acompanhava sua entrevista para uma emissora de rádio. O bate-boca resultou em uma cabeçada por parte de Serginho, que por essa razão, foi demitido do clube<sup>16</sup>. O jornalista, que tinha a função de apenas reportar o fato, interferiu diretamente nos rumos do acontecimento. O segundo episódio ocorreu em 1998, quando Gilvan Ribeiro provocou uma discussão com Luis Felipe Scolari durante um treino do Palmeiras. Mesmo após três negativas do técnico, o jornalista continuou insistindo em uma pergunta desconcertante, o que resultou em trocas de ofensas entre eles. A situação culminou com um soco desferido por Felipão em Gilvan<sup>17</sup>.

Além de sua atuação no jornalismo esportivo, Ribeiro também é autor do livro "Casagrande e Seus Demônios", publicado em 2013. Escrito em parceria com o comentarista Walter Casagrande, a biografia aborda os momentos mais marcantes da vida do ex-jogador, com destaque para seus dramas pessoais, ou seja, ele já possui uma experiência no campo das biografias<sup>18</sup>, e uma relação de trabalho anterior com o coautor da obra.

Já Walter Casagrande Junior, de acordo com seu próprio site<sup>19</sup> iniciou sua carreira futebolística no Corinthians durante os anos de 1980. Logo aos 18 anos, enfrentou divergências com Oswaldo Brandão, técnico do time principal na época, o que resultou em seu empréstimo para o Esporte Clube Caldense, localizado em Poços de Caldas, onde disputou o Campeonato Mineiro de 1981. No ano seguinte, em 1982, Casagrande retornou ao Corinthians e, em seu primeiro clássico contra o Palmeiras, marcou três gols, realizando um "hat-trick"<sup>20</sup>. Essa atuação destacada consolidou sua posição como centroavante titular, tornando-se um dos principais líderes do elenco<sup>21</sup>.

Além de suas conquistas nos gramados, Casagrande também foi um dos líderes do Movimento "Democracia Corintiana", ao lado de Sócrates e Wladimir. E esse movimento foi caracterizado pelo respeito aos direitos dos jogadores em tomar decisões coletivas sobre questões como concentrações, contratações e até mesmo com a política do país. Vale ressaltar que essa era uma época marcada pela ditadura militar no Brasil (1964-1985), e o Movimento

---

<sup>16</sup>Ibid.

<sup>17</sup>Folha de S.Paulo - Técnico palmeirense dá soco em repórter - 18/04/98. Uol.com.br. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk18049803.htm>>. Acesso em: 24 out. 2023.

<sup>18</sup>RIBEIRO, Gilvan - **Que fim levou? - Terceiro Tempo**. Terceiro Tempo. Disponível em: <<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/gilvan-ribeiro-5892>>. Acesso em: 7 jul. 2023.

<sup>19</sup>CASAGRANDE JUNIOR, Walter - **Site Oficial. Wcasagrandejr.com.br**. Disponível em: <<https://wcasagrandejr.com.br/#biografia>>. Acesso em: 7 jul. 2023.

<sup>20</sup>Traduzido como "trique do chapéu", ele consiste em quando o mesmo jogador faz 3 gols numa única partida.

<sup>21</sup>CASAGRANDE JUNIOR, Walter - **Site Oficial. Wcasagrandejr.com.br**. Disponível em: <<https://wcasagrandejr.com.br/#biografia>>. Acesso em: 7 jul. 2023.

das "Diretas Já" estava em andamento, buscando a participação do povo brasileiro nas eleições presidenciais, que naquela época eram proibidas.

Durante sua passagem pelo Corinthians, Casagrande conquistou o bicampeonato paulista em 1982 e 1983, tornando-se artilheiro do Campeonato Paulista de 1982, com 28 gols<sup>22</sup>. Esses eventos marcantes na carreira de Walter Casagrande Junior evidenciam não apenas seu talento como jogador de futebol, mas também seu engajamento social e político, contribuindo para a história do esporte e do Brasil naquela época.

Após passar sete anos de sua carreira na Europa, jogando pelo Porto de Portugal, Ascoli e Torino da Itália, Casagrande decidiu retornar ao Brasil em 1993, para defender as cores do Flamengo. Durante uma partida do Campeonato Brasileiro desse mesmo ano, enfrentando seu antigo clube, o Corinthians, algo surpreendente e histórico aconteceu. Ao invés de vaiar o jogador, a torcida corintiana o reverenciou de forma emocionante, entoando o cântico: "Doutor, eu não me engano, o Casagrande é corintiano" e pedindo a sua volta ao Corinthians, afirmando que seu lugar era no time<sup>23</sup>. Poucos dias após esse episódio, a diretoria do clube paulistano atendeu ao pedido da torcida e Casagrande retornou ao clube que o tinha revelado, encerrando lá seu ciclo no futebol brasileiro.

Após encerrar sua carreira como jogador, Casagrande recebeu um convite para se tornar comentarista dos canais ESPN Brasil em 1997, onde se destacou por suas análises e comentários durante as transmissões de jogos. No mesmo ano foi convidado para ser comentarista esportivo na Rede Globo, onde permaneceu por 25 anos (1997-2022), contribuindo com sua experiência e conhecimento do futebol. Sobre sua saída da emissora, escreveu:

“Foi um alívio para os dois lados porque eu tenho certeza que eles não estavam mais gostando do meu modo, do meu perfil, assim como eu não estava gostando das mudanças que aconteceram lá. Estávamos empurrando com a barriga e ninguém satisfeito, ninguém feliz” - comentou Casagrande.<sup>24</sup>

Até o presente momento, Casagrande escreveu e publicou três livros que contam um pouco mais sobre a sua vida. O primeiro se denomina "Casagrande e seus Demônios", nele é

---

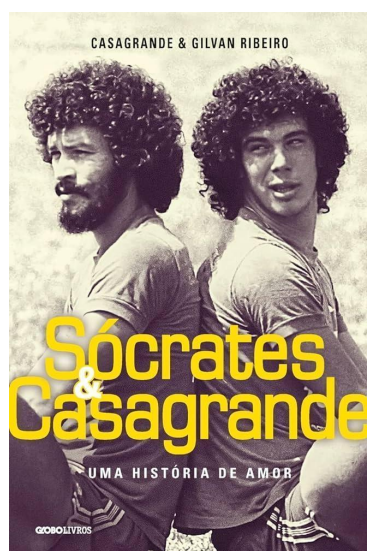
<sup>22</sup>Campeonato Paulista de 1982 - Títulos do Corinthians. Meu Timão. Disponível em: <[https://www.meutimao.com.br/titulos-do-corinthians/campeonato\\_paulista\\_de\\_1982](https://www.meutimao.com.br/titulos-do-corinthians/campeonato_paulista_de_1982)>. Acesso em: 10 out. 2023.

<sup>23</sup>CASAGRANDE JUNIOR, Walter - **Site Oficial. Wcasagrandejr.com.br**. Disponível em: <<https://wcasagrandejr.com.br/#biografia>>. Acesso em: 7 jul. 2023.

<sup>24</sup>LANCE. **Dias após deixar a Globo, Casagrande revela motivo de saída da emissora** - Lance! Lance.com.br. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/dias-apos-deixar-a-globo-casagrande-revela-motivo-de-saida-da-emissora-ninguem-satisfeito-ninguem-feliz.html>>. Acesso em: 10 out. 2023.

retratada a sua história, não apenas como um atleta profissional de futebol, mas também como a pessoa por trás do jogador. O segundo, que nos interessa diretamente neste trabalho, é "Sócrates & Casagrande - Uma História de amor" que aborda a relação entre Sócrates e Casagrande, tanto dentro quanto fora dos campos.

*Figura 2 Capa da biografia de Sócrates escrita por Walter Casagrande e Gilvan Ribeiro*



Fonte: CASAGRANDE JUNIOR, Walter; RIBEIRO, Gilvan. **Sócrates & Casagrande: uma história de amor**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2016.

A obra explora o sucesso que os dois jogadores alcançaram atuando juntos pelo Sport Club Corinthians Paulista e pela Seleção Brasileira, além de seu envolvimento na política brasileira, criando o Movimento "Democracia Corintiana" e participando do Movimento das "Diretas Já".<sup>25</sup> O terceiro e último livro publicado por Casagrande se chama "Travessia: as recaídas, os amigos, os amores e as ideias que fizeram parte da trajetória da minha vida" livro que retrata a natureza agitada da personalidade de Casagrande, explorando elementos significativos de sua vida, como música, espiritualidade, relacionamentos e política. Além disso, destaca sua intensa paixão pela vida, que o impulsionou a vivenciar situações extremas, testando os limites de sua sanidade e resistência física.<sup>26</sup>

Ao longo de sua carreira como comentarista, Casagrande se consolidou como uma figura respeitada e influente no meio esportivo, compartilhando suas perspectivas e análises

<sup>25</sup>CASAGRANDE JUNIOR, Walter - **Site Oficial. Wcasagrandejr.com.br**. Disponível em: <<https://wcasagrandejr.com.br/#biografia>>. Acesso em: 7 jul. 2023.

<sup>26</sup>Travessia. Google Books. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books/about/Travessia.html?id=qViUzQEACAAJ&source=kp\\_book\\_description&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Travessia.html?id=qViUzQEACAAJ&source=kp_book_description&redir_esc=y)>. Acesso em: 10 out. 2023.

sobre o futebol brasileiro e internacional. Sua trajetória como jogador, e posteriormente como comentarista, contribuiu para sua notoriedade e para o reconhecimento de sua contribuição para o esporte no país.

Já o autor da terceira biografia analisada neste trabalho é o jornalista Andrew Downie, nascido na cidade de Edimburgo, capital da Escócia. Também de acordo com o seu próprio site:<sup>27</sup>

Andrew Downie nasceu em Edimburgo, mas possui uma alma latina. Em 1990, ele se mudou para a Cidade do México e, após conhecer alguns jornalistas locais em uma festa, de alguma forma conseguiu um emprego no jornal local em inglês. Logo, ele entrevistou a banda INXS durante sua primeira turnê na América Latina, falou para uma plateia mexicana sobre a importância de Robert Burns e escreveu sobre por que os escritores e artistas da América Latina eram o oposto dos políticos da região.<sup>28</sup>

A partir desse momento, Downie deu seus primeiros passos ao se interessar profundamente pela história latina. No entanto, sua notoriedade jornalística se destacou, inicialmente como colaborador do *The New York Times* e posteriormente como correspondente da *Reuters*.

Após algumas experiências marcantes no Haiti e no México, a busca incessante por novos horizontes levou Andrew Downie ao Brasil no ano de 1999, onde embarcou na jornada de aprender a língua portuguesa e realizar o sonho de viver no Rio de Janeiro. Como correspondente da *Time Magazine*, passou sete anos imerso na "Cidade Maravilhosa", explorando não só a incomparável cena futebolística, como a rica vida musical e social. No ano de 2007, Downie resolveu se mudar para São Paulo, onde manteve um ritmo incansável de produção jornalística, o que o levou a ficar frente a frente com personalidades notáveis, como Pelé, Zico e Ronaldo<sup>29</sup>.

No ano de 2017, lançou sua biografia de Sócrates, publicada originalmente em inglês, intitulada "*Doctor Socrates: Footballer, Philosopher, Legend*"<sup>30</sup>, uma biografia que evidencia Sócrates como o icônico ativista social, capitão do Corinthians e da seleção brasileira. A obra

---

<sup>27</sup>DOWNIE, Andrew. *Andrew Downie*. Disponível em: <<https://www.andrewwdownie.net/about>>. Acesso em: 6 set. 2023.

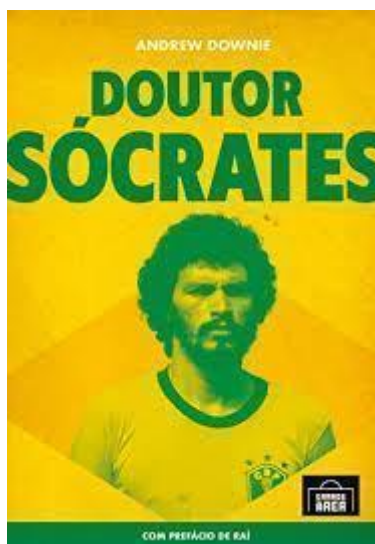
<sup>28</sup>Andrew Downie was born in Edinburgh but has a Latin soul. He moved to Mexico City in 1990 and after meeting some local journalists at a party he somehow wangled his way into a job at the local English-language newspaper. Before long, he had interviewed INXS on their first Latin America tour, spoken to a Mexican audience about the importance of Robert Burns and written about why Latin America's writers and artists were the antithesis of its politicians. Disponível em: <<https://www.andrewwdownie.net/about>>. Acesso em: 10 out. 2023.

<sup>29</sup>DOWNIE, Andrew. **Andrew Downie**. Disponível em: <<https://www.andrewwdownie.net/about>>. Acesso em: 6 set. 2023.

<sup>30</sup>Traduzido para o português: "Doutor Sócrates: Futebolista, Filósofo, Lenda"

foi traduzida para o Português, em 2021, por André Kfourri, filho do jornalista Juca Kfourri, pela editora Grande Área.

*Figura 3 Capa da biografia de Sócrates escrita por Andrew Downie*



Fonte: DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021.

Com o lançamento da obra, o nome de Downie figurou em uma ampla variedade de publicações de renome mundial, incluindo *The New York Times*, *The Washington Post*, *The Los Angeles Times*, *The Economist*, *The London Review of Books*, *Monocle*, *The Guardian*, *The Daily Telegraph*, *The Spectator*, *The Financial Times*, *The Globe and Mail*, *BBC*, *NPR*, *People magazine*, *The Blizzard*, *Scotland on Sunday*, *Esquire*, *GQ* e *Conde Nast Traveller*.<sup>31</sup>

Na análise das biografias em questão, notamos que os três autores têm um ponto em comum: todos têm experiência como jornalistas. Tom Cardoso, o autor de “Sócrates: A história e as histórias do jogador mais original do futebol brasileiro”, compartilhou sua trajetória profissional marcada por anos de experiência no campo do jornalismo, trabalhando em diferentes redações e, mais recentemente, atuando como freelancer para diversas publicações. Por outro lado, Gilvan Ribeiro, coautor de "Sócrates & Casagrande: Uma história de amor," começou sua carreira como jornalista esportivo e trabalhou em várias redações, contribuindo com suas análises e comentários sobre o esporte. Walter Casagrande,

<sup>31</sup>DOWNIE, Andrew. **Andrew Downie**. Disponível em: <<https://www.andrewdownie.net/about>>. Acesso em: 6 set. 2023.

por sua vez, por mais que não tenha uma formação jornalística, contribuiu com seu conhecimento futebolístico após encerrar sua carreira como jogador profissional. Finalmente, Andrew Downie, autor de "Doctor Socrates: Footballer, Philosopher, Legend," é um jornalista que atuou como correspondente da Time Magazine e contribuiu para diversas publicações de renome internacional.

## 1.2 Como escrever uma biografia sobre Sócrates?

A produção de biografias é uma atividade intrinsecamente ligada tanto aos historiadores quanto aos jornalistas. Ambos os grupos compartilham o objetivo de contar as histórias de sujeitos individuais, revelar detalhes de suas vidas e contribuições à sociedade. A produção de biografias é uma atividade que une historiadores e jornalistas em vários aspectos. Ambos os grupos compartilham, não raro, o compromisso com a pesquisa em profundidade, que envolve extensa coleta de informações sobre o biografado. Tanto historiadores quanto jornalistas empreendem esforços consideráveis para reunir dados de fontes diversas, que podem incluir documentos históricos, pesquisas acadêmicas, entrevistas, observações pessoais e testemunhos contemporâneos. A pesquisa minuciosa é fundamental para criar uma base sólida para a biografia e garantir a precisão dos fatos apresentados<sup>32</sup>.

A contextualização histórica é outro procedimento pelo qual historiadores e jornalistas se aproximam ao escrever biografias. Ambos buscam situar a vida do biografado em seu contexto histórico, cultural e social relevante. Isso implica em uma análise das influências e eventos que moldaram a vida do indivíduo e ajudam a compreender como sua trajetória se desenrolou em relação aos acontecimentos de sua época. Além disso, historiadores e jornalistas compartilham um compromisso com a integridade dos fatos em suas biografias. Ambos reconhecem a importância de citar fontes, evidências e documentos para apoiar suas narrativas e manter a credibilidade de seus trabalhos.

Já um dos distanciamentos mais marcantes entre historiadores e jornalistas na produção de biografias diz respeito à base epistemológica que sustenta seus trabalhos. Historiadores, devido ao seu compromisso com a pesquisa acadêmica, estão firmemente ancorados na busca de uma compreensão mais profunda dos eventos passados e da sociedade. Em primeiro lugar, há um tratamento diferenciado das fontes de pesquisa.

---

<sup>32</sup>SCHMIDT, Benito B. (1997), "**Construindo biografias. Historiadores e jornalista: aproximações e afastamentos**". Estudos Históricos, Rio de Janeiro.

A historiografia, apesar de suas significativas transformações teóricas e metodológicas recentes, manteve-se fiel à tradição da crítica (interna e externa) aos documentos: quem produziu determinado vestígio? Em que situação? Com quais interesses? Estes questionamentos, primários na investigação histórica, nem sempre estão presentes nos trabalhos jornalísticos<sup>33</sup>

Assim, a margem de invenção e especulação nos trabalhos históricos é significativamente mais restrita, embora ela também exista<sup>34</sup>. Os historiadores também estão comprometidos em examinar os sujeitos históricos concretos, que existiram na realidade e cujas vidas podem ser rastreadas através de documentos e evidências tangíveis. Conforme explicado por Benito Schmidt, ao citar Carlo Ginzburg, as biografias do historiador são, portanto, limitadas pelo "campo de possibilidades historicamente determinadas"<sup>35</sup>, o que significa que suas interpretações e invenções estão sempre vinculadas à realidade histórica. Isso cria um nível de responsabilidade rigoroso para com o passado e seus vestígios.

Por outro lado, os jornalistas-biógrafos têm uma abordagem mais flexível e menos restritiva em relação às fontes e à margem de invenção. Embora também busquem a precisão e a veracidade em suas narrativas, eles não têm a mesma obrigação do historiador. Eles podem recorrer a uma variedade de fontes, incluindo relatos de testemunhas e entrevistas, e têm mais liberdade para especular sobre os eventos da vida de seus biografados. A preocupação com a "verdade" pode ser subordinada à busca de um relato cativante e acessível ao público.

Ou seja, assim como o romancista, o historiador pode utilizar-se da imaginação, desde que esta seja explicitada ao leitor enquanto tal e balizada pelas fontes disponíveis. Estes procedimentos nem sempre são seguidos pelos jornalistas-biógrafos que, pelo menos nos casos mencionados [Natalie Davis (1987: 24), por exemplo, constrói diversas hipóteses para explicar a partida do camponês Sanxi Daguerre, pai do personagem principal de seu livro *O retorno de Martin Guerre*, da região basca francesa para uma aldeia do Condado de Foix, em 1527 (...)] Na minha investigação sobre o militante socialista Antônio Guedes Coutinho (1868-1945), ao abordar a produção teatral do personagem, recorri a um artifício semelhante para marcar o espaço de invenção introduzido na narrativa], preferem tramar em seus textos o "verdadeiro" e o "verossímil", as "provas" e as "possibilidades"<sup>36</sup>

---

<sup>33</sup>Ibid. p. 8.

<sup>34</sup>"No caso da historiografia, estes momentos de invenção devem ser sempre sinalizados ao leitor através da utilização de palavras como "provavelmente", "talvez", "pode-se presumir" etc." Ibid. p. 13.

<sup>35</sup>Ibid. p. 12-13.

<sup>36</sup>Ibid. p. 13-14.



Em sua entrevista a Jaqueline Martins<sup>37</sup>, Tom Cardoso abordou a sua metodologia de trabalho, na escrita de biografias. Ele ressalta a importância de uma pesquisa minuciosa antes das entrevistas, na qual busca contextualizar a história por meio de diferentes pontos de vista e versões. Durante o processo de escrita, ele adota uma abordagem organizada, reunindo todo o material coletado em um arquivo e dividindo-o em subtítulos, a fim de facilitar a organização das informações. Além disso, ele valoriza a criação de um início e final impactantes para suas reportagens, visando envolver o leitor desde o início e oferecer uma conclusão satisfatória. Essa abordagem estruturada e cuidadosa demonstra o compromisso de Cardoso com a qualidade e a eficácia de suas narrativas jornalísticas, bem como na sua escrita biográfica.<sup>38</sup>

Na bibliografia utilizada para escrever a obra estão “Democracia corintiana: a utopia em jogo”<sup>39</sup> escrita pelo próprio Sócrates e Ricardo Gozzi, em 2002, bem como a biografia “Casagrande e seus Demônios”<sup>40</sup>, dos mesmos autores de “Sócrates & Casagrande - Uma História de amor”. A dupla Ribeiro e Casagrande, a propósito, possuem uma metodologia de escrita um pouco diferente dos demais autores. Numa entrevista concedida ao canal *Alpha Channel TV*, disponibilizada na plataforma do YouTube, eles detalham para a audiência como foram os meses em que foi escrita e estruturada a obra, no evento que marcou o lançamento do livro, em 2016<sup>41</sup>. Segundo Ribeiro,

Eu me isolei durante dois meses pra escrever. A metade do livro eu fiz em Almada, na praia da Almada, que é uma praia isolada em Ubatuba. Depois voltei a trabalhar e me afastei mais um mês e aí me isolei em Santo Antônio do Pinhal, ali eu estruturei os 20 capítulos. E depois de mais um mês, eu já tinha voltado a trabalhar no jornal, então eu trabalhava só de manhã pelo livro, que eu colhi mais entrevistas pra arrematar alguns capítulos que precisavam ser melhorados. Então ao todo foram três meses, dois intensivamente e o terceiro alternando com o meu trabalho de jornalista no “Jornal Agora”

Nesse contexto, a abordagem adotada por eles envolveu Casagrande, que, sendo testemunha dos acontecimentos, transmitiu suas experiências ao compartilhar suas memórias sobre sua convivência com Sócrates. Através desse relato, Ribeiro, munido de sua formação

---

<sup>37</sup>MARTINS, Jaqueline Lemos. **O autor e o narrador nas tessituras da reportagem** / Jaqueline Lemos Martins. -- São Paulo: J.L. Martins, 2016. 267p.

<sup>38</sup>Ibid. p. 192-198.

<sup>39</sup>SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. **Democracia Corintiana: a utopia em jogo**. 1ª São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2002.

<sup>40</sup>CASAGRANDE, Walter; RIBEIRO, Gilvan. **Casagrande e seus demônios**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2013.

<sup>41</sup>ALPHA CHANNEL TV. SÓCRATES & CASAGRANDE - UMA HISTÓRIA DE AMOR. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xZ1p9RZ7XgE>>. Acesso em: 23 out. 2023.

jornalística e experiência como escritor, pôde absorver o conteúdo e criar a obra de maneira a retratar com reivindicada fidelidade os eventos que ouviu de seu amigo. “O mérito dele é escrever muito bem! Conseguir passar aquilo que eu sou no livro, nos dois livros ele conseguiu passar. Eu leio os livros e vejo que sou eu, entendeu? Esse é o grande mérito do Gilvan”.<sup>42</sup>

A seleção bibliográfica adotada pelos autores na elaboração do livro incluiu a obra de Tom Cardoso, publicada em 2014, que serviu como uma das referências centrais para a construção de seu trabalho. Além disso, foram identificadas semelhanças na criação dos dois livros, que se utilizaram das obras "Democracia corintiana: a utopia em jogo" e a biografia "Casagrande e seus Demônios" em seus respectivos desenvolvimentos. Como complemento, Casagrande e Ribeiro também se basearam em outra biografia, escrita por Kátia Bagnarelli, ex-esposa de Sócrates, intitulada "Sócrates Brasileiro: minha vida ao lado do maior torcedor do Brasil", publicada em 2013.

Por último, Downie começou a escrever a sua biografia de Sócrates devido a uma ligação com Garrincha, outro ídolo da seleção brasileira. Essa conexão com a história de Sócrates surgiu quando o jornalista assumiu a tarefa de traduzir a biografia de Ruy Castro sobre o "Anjo das Pernas Tortas" para o inglês<sup>43</sup>. Posteriormente, a mesma editora responsável pela obra de Garrincha em inglês abordou Downie com a proposta de produzir um livro contendo as memórias de Sócrates<sup>44</sup>. O desafio foi prontamente aceito, porém a produção da obra sofreu com problemas relacionados a questões de direitos autorais não resolvidos, relacionados a Sócrates. Como resultado, o projeto ficou em suspenso por anos até que Downie decidiu retomá-lo após a Copa do Mundo de 2014. “Estava com mais tempo e decidi que era a hora. Era importante escrever sobre essa pessoa, que para mim transcendeu o futebol. Talvez o único jogador mais importante fora do que dentro de campo.”<sup>45</sup>

Não obstante, essa admiração de Downie não fez com que a sua escrita fosse influenciada de maneira a contar apenas as qualidades e partes positivas da vida do biografado. Em sua entrevista ao blog Futebol Café, aborda como o jornalista concebe a questão da verdade dos fatos, na escrita de biografias:

---

<sup>42</sup>Ibid

<sup>43</sup>A biografia se denomina “Estrela Solitária - Um Brasileiro Chamado Garrincha” e foi publicada originalmente no ano de 1995.

<sup>44</sup>RODRIGUES, Bruno. **Andrew Downie: “Para cada um falando bem de Sócrates, tem outro falando ‘esquerdista de merda’”**. Medium. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/futebol-cafe/C3%A9/entrevista-autor-biografia-socrates-2c5639175cb4>>. Acesso em: 24 out. 2023.

<sup>45</sup>Ibid

Eu sou jornalista, primeiro sou jornalista. O que era o mais importante era procurar os fatos e escrever os fatos, doa a quem doer. Então tentei escrever esse livro com o maior carinho e respeito por ele, pessoa que admiro. Mas ele é ser humano, como qualquer um. Ele erra também. E mesmo fazendo cagadas fora do campo, o que ele fez nessa transição de ditadura para democracia, o que ele fez pelos direitos humanos, as Diretas Já, lutando pela liberdade de expressão... Acho que isso é o mais importante.<sup>46</sup>

Por fim, em suas escolhas para as referências bibliográficas para o desenvolvimento de sua obra, Downie também se utiliza das obras "Sócrates: A história e as histórias do jogador mais original do futebol brasileiro" e "Sócrates & Casagrande: Uma história de amor". Fato esse que evidencia a influência que estas biografias tiveram no cenário nacional e internacional, na medida em que Downie publicou originalmente a sua obra em inglês. Como complemento, também houve a utilização das obras de Kátia Bagnarelli: "Sócrates Brasileiro: minha vida ao lado do maior torcedor do Brasil", publicada em 2013 e "Sócrates Eterno", publicada em 2017.<sup>47</sup>

### 1.3 Por que escrever uma biografia de Sócrates?

Tom Cardoso tem se dedicado a escrever suas biografias sobre personagens imponentes e de respeito no meio social. Dessa forma, como é explicado no prefácio de seu livro, o jornalista-biógrafo não está interessado no sujeito histórico comum, o autor "odeia" personagens monótonos<sup>48</sup> e combinado ao fato de haver poucas biografias de jogadores de futebol, principalmente no Brasil<sup>49</sup>, Cardoso se viu com o objetivo de trazer uma escrita que combinasse o seu amor pelo futebol, a sua inspiração por pessoas irreverentes. A resultante dessa combinação, segundo o jornalista Fábio Altman, "[...] Atravessar a vida de Sócrates poderia resultar em algo desse gênero, insosso, óbvio, sem graça - mas aí não seria Sócrates, e não seria Tom Cardoso<sup>50</sup>."

Walter Casagrande talvez seja aquele que mais possua motivos pessoais para escrever uma biografia sobre Sócrates, visto que a grande amizade estabelecida entre os dois está

---

<sup>46</sup>Ibid

<sup>47</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourir. Campinas: Editora Grande Área, 2021.

<sup>48</sup>CARDOSO, Tom. **Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014

<sup>49</sup>"[...] Biografias de jogadores de futebol são mais raras ainda [...]" (CARDOSO, 2014, p. 11)

<sup>50</sup>Ibid.

explicitada logo no título da obra. Logo no início da biografia nos é revelado que os dois, um pouco antes da morte de Sócrates tiveram um desentendimento que ocasionou no afastamento da dupla. Fato esse que foi prontamente resolvido logo após Casagrande saber da internação de seu melhor amigo, após o agravamento da doença que o acometia.<sup>51</sup> Por isso, a escrita da biografia por Casagrande possui motivos espirituais e preencher a lacuna que Sócrates deixou em sua vida, como uma forma de sempre estar em contato com o seu melhor amigo. Dessa forma, Casagrande convidou novamente o seu parceiro de escrita Gilvan Ribeiro para auxiliá-lo na produção dessa nova obra, pedido esse que foi prontamente aceito e realizado, pois além de grandes amigos, Ribeiro é um grande admirador da dupla corintiana.<sup>52</sup>

Andrew Downie, por sua vez, se encantou com Sócrates porque ele era um personagem apaixonado e de princípios sólidos, além de ser simultaneamente cativante e erudito, revelou-se uma figura tão rica em contradições quanto em complexidade<sup>53</sup>. Munido com as memórias inéditas de Sócrates, horas de entrevistas recentemente descobertas, conseguiu a tarefa de compilar uma das narrativas mais abrangentes sobre esse ícone. Cada capítulo se baseou em diálogos com membros da família, amigos íntimos e ex-colegas de equipe, culminando em uma biografia instigante que lança luz sobre um homem que, nas palavras do biógrafo, “sem hesitar, defendeu suas crenças, independentemente das consequências”.<sup>54</sup>

Como historiador interessado nas biografias de Sócrates, escrevo a minha versão da biografia de Sócrates inicialmente, por ser um corintiano fanático e amante do futebol. A partir dessa paixão, conhecer a história do clube e seus principais jogadores é uma tarefa essencial para fortalecer essa conexão. E foi nessa busca que me deparei com um jogador diferenciado dos demais, vestia a camisa de número 8 e “orquestrava” o time para a vitória. Porém, além de ter sido genial com seus pés, também foi impressionante ao lutar contra a ditadura civil-militar brasileira, tempos em que a censura e a perseguição eram vigentes. Por isso, escolher uma pessoa para ter como foco de estudo nunca foi tão fácil e acredito que para Cardoso, Casagrande, Ribeiro e Downie também tenha sido, embora as formas de construção da biografia dos jornalistas e a do historiador sejam diferentes.

---

<sup>51</sup>CASAGRANDE JUNIOR, Walter; RIBEIRO, Gilvan. **Sócrates & Casagrande: uma história de amor**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2016. p. 15-17

<sup>52</sup>Ibid

<sup>53</sup>MARTINS, Jaqueline Lemos. **O autor e o narrador nas tessituras da reportagem** / Jaqueline Lemos Martins. -- São Paulo: J.L. Martins, 2016. 267p

<sup>54</sup>Doctor Socrates. SimonSchusterUK. Disponível em: <<https://www.simonandschuster.co.uk/books/Doctor-Socrates/Andrew-Downie/9781471154089>>. Acesso em: 6 set. 2023.

Primeiramente, a abordagem e o estilo variam consideravelmente, com as biografias jornalísticas frequentemente adotando uma narrativa mais acessível e voltada para detalhes pessoais, enquanto as biografias históricas seguem uma abordagem acadêmica que enfatiza a contextualização e a análise crítica. Em segundo lugar, o propósito das obras difere, com as biografias de jornalistas visando principalmente a contar histórias envolventes e revelar aspectos interessantes da vida do biografado, ao passo que as biografias de historiadores têm como objetivo contribuir para o conhecimento histórico e explorar as conexões com eventos vividos por sujeitos individuais e tendências mais amplas da vida em sociedade. Por fim, a metodologia utilizada também varia, com jornalistas recorrendo a entrevistas, pesquisa documental e relatos pessoais, enquanto historiadores se baseiam também em fontes primárias, como documentos de arquivo, ou as narrativas sobre o sujeito estudado, como é o nosso caso, sempre empregando métodos de pesquisa rigorosos.

## Capítulo 2: Vida Vivida

Quero mudar meu país, quero mudar meu povo, sempre. (Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, 2011)<sup>55</sup>

### 2.1 O nascimento de Sócrates: Brasileiro e Paraense

Foram Tom Cardoso e Andrew Downie os dois biógrafos que procuraram explorar a sugestiva relação entre a história de Sócrates Brasileiro e o Sócrates Grego, como estratégia para exaltar a sabedoria e genialidade do jogador brasileiro, além de recurso para recontar a história de seu nascimento e de sua origem familiar, enfatizando-se a superação das condições sociais de sua família. Para estabelecer essa ligação com a filosofia grega, os autores evocaram as características de Raimundo Vieira de Oliveira, pai de Sócrates, natural de Messejana, um bairro na periferia de Fortaleza, homem de origens humildes da capital cearense. Buscaram uma explicação individual para que o pai de Sócrates, que trabalhava como vendedor de rapaduras, pudesse romper com as amarras sociais da pobreza pelo seu notável hábito de leitura de obras clássicas da filosofia grega e moderna, a ponto de memorizar ensinamentos e trechos completos dessas obras. Também conhecido como seu Raimundo, ele era um verdadeiro autodidata que estudava para passar nos concursos públicos que não exigiam diploma<sup>56</sup>.

Sua dedicação aos estudos o levou a aprovação no concurso dos Correios, que resultou em sua mudança para Belém, no Pará, nos primeiros anos da década de 1940. Foi na capital paraense que o pai de Sócrates conheceu e se apaixonou por Guiomar Sampaio de Souza, que também trabalhava como funcionária pública. Juntos, eles tiveram que se mudar para a cidade de Igarapé-Açu, localizada a 110 quilômetros de sua antiga residência, logo após Raimundo obter êxito no concurso que o tornou fiscal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>57</sup>.

---

<sup>55</sup>KFOURI, Juca. **Meu fígado não está totalmente comprometido**. Folha de S.Paulo. 27/08/2011. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2708201102.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2023.

<sup>56</sup>CARDOSO, Tom. **Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 23.

<sup>57</sup>Ibid. p. 24.

A partir desse momento, a família de Raimundo e Guiomar deu início a um novo capítulo com o nascimento de seus filhos. Como detalhadamente registrado por Cardoso e Downie nos capítulos iniciais de suas biografias, Sócrates o primogênito do casal veio ao mundo na Santa Casa de Misericórdia de Belém do Pará, no dia 19 de fevereiro de 1954. Ambos seguem a mesma trilha, destoando apenas quanto ao horário de nascimento do biografado. Cardoso diz que Sócrates nasceu às 22 horas e 10 minutos<sup>58</sup>; Downie apura que foi às 22 horas e 20 minutos<sup>59</sup>. O bebê, pesando 4,1 kg e medindo 50 centímetros de altura, foi batizado por Raimundo em homenagem ao personagem central dos "Diálogos de Platão", ao receber o nome "Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira". “Por ironia, Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira seria muito diferente do Sócrates platônico, um exemplo de temperança, um homem que sabia dominar seus impulsos e paixões”<sup>60</sup>

Um ano e um mês depois, o segundo filho do casal também não escapou da personalidade erudita de Raimundo. Batizado de Sóstenes, o pai homenageou um habitante de Corinto mencionado na Primeira Epístola do Apóstolo Paulo aos Coríntios<sup>61</sup>, ao ler “Os Atos dos Apóstolos” na bíblia. Dois anos depois, o terceiro membro da prole do casal foi batizado como Sófocles em homenagem ao dramaturgo grego, autor da emblemática tragédia "Édipo Rei", uma obra que Cardoso afirmava ser uma das prediletas de Raimundo<sup>62</sup>. Quando a chegada do quarto filho estava iminente, em 1959, Dona Guiomar, já cansada dos nomes gregos de difícil pronúncia, decidiu que não permitiria mais tal escolha. Assim, o quarto herdeiro recebeu o nome de Raimundo Júnior, seguido pelo quinto, batizado como Raimar, nomes de origem germânica, comuns no nordeste do Brasil. O sexto e último filho, chamado de Raí, esteve prestes a ter um nome grego quando Seu Raimundo, inspirado pela leitura de "A Apologia de Sócrates", sugeriu batizá-lo como Xenofonte. Contudo, a proposta foi veementemente rejeitada por Guiomar, que ameaçou o marido com a possibilidade do divórcio<sup>63</sup>.

---

<sup>58</sup>Ibid.

<sup>59</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourir. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 21.

<sup>60</sup>CARDOSO, Tom. **Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 24

<sup>61</sup>“Paulo (chamado apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus), e o irmão Sóstenes [...]” **PRIMEIRA EPISTOLA DA S. PAULO AOS CORÍNTIOS**. Di.ubi.pt. Disponível em: <[<sup>62</sup>CARDOSO, Tom. \*\*Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro\*\*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 24](https://www.di.ubi.pt/~jpaulo/biblia/1Corintios.htm#:~:text=1%20E%20eu%2C%20irm%C3%A4os%2C%20quando,temor%2C%20e%20em%20grande%20tremor.></a>. Acesso em: 15 nov. 2023.</p>
</div>
<div data-bbox=)

<sup>63</sup>Ibid. p. 25.

À medida que a família crescia, com Sócrates e seus cinco irmãos, Dona Guiomar alertou seu marido sobre a insuficiência da renda para sustentar todos os filhos. Diante desse desafio, seu Raimundo decidiu encarar o concurso mais exigente da época: o de fiscal de imposto de renda da Receita Federal, uma seleção com apenas 36 vagas para 15 mil candidatos, realizada uma vez a cada década. A aprovação de Raimundo trouxe alegria à família, elevando sua renda a quatro vezes o valor anterior.<sup>64</sup>

Após um ano atuando em Teresina, no Piauí, em 1960, Raimundo teve a oportunidade de selecionar um município no estado de São Paulo para realocar sua família e escolheu a promissora cidade de Ribeirão Preto, localizada a 315 km da capital paulista. Não nos parece ser por acaso, ou por mera decisão individual, a escolha de Ribeirão Preto para o exercício da Profissão de Fiscal da Receita Federal. Afinal, a cidade apresentava um crescimento econômico e demográfico vertiginoso durante o século XX. De um pequeno município agrícola no final do século XIX passou a uma cidade de porte médio, com mais de meio milhão de habitantes no final do século XX, do cultivo café, na primeira República (1889-1930), até a expansão e diversificação da produção agrícola pós-1930, com lavouras de algodão, do arroz, da laranja, da soja e a expansão da pecuária até a cana de açúcar da chamada “Califórnia Brasileira”:

Na medida em que colaboraram decisivamente para a manutenção da prosperidade nas áreas rurais, facultaram o desenvolvimento do setor comercial, industrial e de serviços do município de Ribeirão Preto, já então plenamente consolidado como a principal base urbana de convergência econômica da região. A evolução positiva da economia manteve-se nas décadas seguintes, incrementando-se, sobretudo a partir dos anos 1950 e 1960, com a consolidação do município como centro comercial, financeiro e de serviços, com destaque particular para a concentração das atividades culturais, educacionais e de saúde. No início dos anos 1970, a Região Administrativa de Ribeirão Preto era a maior produtora do Estado de cana-de-açúcar, laranja, soja, milho, tomate e limão, destacando-se também na produção de arroz, café e na pecuária. A posição de preeminência manteve-se ao longo de toda a década de 1970 para as culturas de soja, laranja, cana e milho, mantendo-se o destaque no caso do café, arroz e pecuária e se agregando a produção relevante de amendoim e a avicultura. Juntamente com a região de Campinas, Ribeirão Preto era o principal locus da agroindústria do país, largamente promovida a partir de meados dos anos 1970 com o Proálcool. Tal vigor inusitado no setor primário teve repercussões simétricas nas atividades urbanas, cujo incremento se revelou uma constante nos anos 1970 e 1980.<sup>65</sup>

---

<sup>64</sup>Ibid. p. 24.

<sup>65</sup>PIRES, Júlio Manuel. **O Desenvolvimento Econômico de Ribeirão Preto: 1930-2000**. Textos para discussão. Série Economia. Disponível em [https://www.fearp.usp.br/images/pesquisa/Anexos/Publicacoes/Textos\\_discussao/REC/2004/wpe43.pdf](https://www.fearp.usp.br/images/pesquisa/Anexos/Publicacoes/Textos_discussao/REC/2004/wpe43.pdf). Acesso em 14 nov. 2023.



Portanto, não parecia casual a escolha da cidade de Ribeirão Preto para a fixação de um agente de rendas, ou melhor, um Agente de Fiscalização da Receita Federal. Com a significativa melhora na renda familiar, Raimundo viu-se capaz de matricular os seus filhos mais velhos na mais conceituada instituição educacional da cidade, o Colégio Marista.<sup>66</sup>

Conforme Sócrates amadureceu, seu pai o introduziu ao universo do futebol, seguindo uma tradição comum em muitos lares brasileiros. Seu Raimundo, um torcedor do Botafogo de Ribeirão Preto, compartilhava sua paixão pelo time levando o filho mais velho aos estádios para vivenciar e apoiar o clube local.

Em 12 de outubro de 1918 nascia oficialmente o Botafogo Futebol Clube. Uns dizem que esse nome foi inspirado por uma frase dita por um dos presentes no dia da fundação, frente à grande dificuldade de se chegar em um consenso a respeito do nome da nova agremiação que nascia ali. A frase teria sido mais ou menos assim: “Ou vocês definem logo o nome ou então ‘bota fogo’ em tudo e acabem com essa história”. Certo ou não, de fato haviam outras características que sugeriam o nome BOTAFOGO para os presentes no dia da reunião: na época, a atual rua Saldanha Marinho chamava-se “Botafogo” e, ao mesmo tempo, a expressão “bota fogo” era bastante falada pelos funcionários da Estrada de Ferro Mogiana.<sup>67</sup>

Segundo os recursos narrativos de Tom Cardoso que transforma o processo lento de constituição do ser jogador de futebol de Sócrates num estalo, carregado de emoção, teria sido num dia marcante, 4 de setembro de 1965, que a paixão pelo esporte conduziu Sócrates a se encantar pelo Santos de Pelé e Coutinho. Nesse jogo memorável, o Santos triunfou com facilidade sobre o Botafogo, marcando um inesquecível placar de 7 a 1<sup>68</sup>, um evento que o transformou no primeiro torcedor santista da família Vieira, pois teria enxergado nos dois uma inspiração para o seu futuro<sup>69</sup>. É o próprio Sócrates que em entrevista, mais tarde, relativiza este estalo ao dizer que demorou a considerar o futebol mais do que uma oportunidade de se divertir e ganhar dinheiro para beber suas cervejas.

Apesar do amor que nutria por frequentar estádios ou ouvir jogos pelo rádio, a verdadeira habilidade excepcional de Sócrates estava nos seus próprios pés. Apesar de seu pai

<sup>66</sup>O colégio marista é uma instituição educacional que segue os princípios e valores estabelecidos por Marcelino Champagnat, fundador da Congregação dos Irmãos Maristas em 2 de janeiro de 1817, na França. A missão central destas escolas é "fazer Jesus Cristo conhecido e amado", utilizando a educação como meio para conduzir crianças e jovens a uma experiência de fé pessoal, ao mesmo tempo formando "bons cristãos e virtuosos cidadãos". **Missão Marista – Champagnat**. Champagnat.org. Disponível em: <<https://champagnat.org/pt/missao-marista/>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

<sup>67</sup>HALL DA FAMA - Botafogo Futebol SA. Botafogo Futebol SA. Disponível em: <<https://botafogofutebolsa.com.br/halldafama/>>. Acesso em: 12 nov. 2023.

<sup>68</sup>Confrontos - Santos x Botafogo-SP - Acervo Santista. Acervo Santista. Disponível em: <<http://acervosantista.com.br/confrontos-santos-x-botafogo-sp/>>. Acesso em: 11 nov. 2023.

<sup>69</sup>CARDOSO, Tom. **Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 26

tê-lo matriculado em aulas de judô e boxe, a impressionante facilidade demonstrada por Sócrates ao jogar futebol era incrível para seus irmãos, que faziam brincadeiras com o pai, dizendo que a habilidade não era algo hereditário dele. “Onde esse talento se originou era um mistério, e seus irmãos brincavam que sua mãe deveria ter sido uma excelente futebolista, porque o pai certamente não era.”<sup>70</sup>

Foi aos onze anos que Sócrates deu seus primeiros passos no futebol, ao integrar o time “Raio de Ouro”, um clube amador da cidade de Ribeirão Preto. Esses momentos iniciais da carreira são abordados de forma mais detalhada apenas por Cardoso e Downie, pois Casagrande e Ribeiro se concentram mais na história da dupla, que se conheceu no ano de 1978, quando Sócrates foi contratado pelo Corinthians e Casagrande ainda fazia parte das divisões de base do clube paulistano.

Em suas primeiras experiências no futebol, Sócrates começou como lateral direito, mas sua facilidade na construção de jogadas logo o alçou ao meio de campo, pois são posições que exigem características totalmente distintas. Sua estreia ocorreu em Bonfim Paulista, um pequeno distrito de Ribeirão Preto, e ali ele mergulhou em realidades distintas das de sua família de classe média. Esses primeiros jogos foram mais do que partidas, foram janelas para uma realidade social diversa, um ponto de partida para sua compreensão das disparidades no Brasil, moldando assim sua visão crítica das injustiças sociais.

As pessoas me perguntam: ‘Pô, qual foi a sua grande glória?’, e eu digo que a minha grande glória foi aquele comecinho no Raio de Ouro, porque subir numa boleia de caminhão com um monte de negão, cada um de um jeito, um tipo de vida, com um monte de necessidade... Pô, eu tinha almoçado, tinha gente que não tinha almoçado para jogar uma pelada! Cara, aquilo lá era um aprendizado que eu nunca tive na escola. Ninguém me falou disso, nem em casa. Porque meu pai viveu tudo aquilo e nunca passou para a gente. Eu fui descobrir muito tempo depois que ele tinha passado esse sufoco todo, mas, para nós, ele nunca contou. Não queria que a gente tivesse ideia do que ele tinha vivido.<sup>71</sup>

Ainda que sua visão crítica sobre as desigualdades sociais comesçassem a crescer em seu âmago, o seu talento no futebol já era enorme logo aos 13 anos de idade, em 1967, quando segundo Cardoso, ele já era considerado a maior revelação do futebol amador de Ribeirão Preto<sup>72</sup>. Seu talento refletia em suas participações nos campeonatos amadores realizados pelo colégio Marista e pelo Raio de Ouro, pois sua versatilidade o permitia ser

<sup>70</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfoury. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 25.

<sup>71</sup>Ibid. p. 26

<sup>72</sup>CARDOSO, Tom. **Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 30

tanto o “cérebro” do time, como um ponta de lança<sup>73</sup>, algo que o fazia ter média de três a quatro gols por jogo e consequentemente a conquista de todos os títulos amadores que disputou pelos seus dois times<sup>74</sup>.

O talento do jovem jogador não passou despercebido pelos olheiros da região, despertando interesse para avaliações e testes. Dentre eles, estava seu professor do colégio, Haroldo Soares, que também tinha envolvimento com as categorias de base do Botafogo de Ribeirão Preto. No final do ano de 1969, Haroldo tentou encaminhá-lo para o tricolor de Ribeirão Preto, porém enfrentou sérias resistências por parte de Raimundo. Ele enfatizou que seu filho só se dedicaria ao futebol após priorizar seus estudos e que a assinatura de um contrato profissional seria considerada somente após sua formação acadêmica<sup>75</sup>.

No ano seguinte, Sócrates e seu pai foram convencidos a realizar um teste na equipe de base do Botafogo, onde ele demonstrou ser uma peça vital para o time, ao conquistar a confiança dos treinadores. Contudo, aos dezesseis anos, seu maior sonho ainda era se tornar médico e considerava o futebol apenas como uma forma de lazer, pois de acordo com Downie, naquela época ele tratava o esporte como uma mera distração daquilo que viria a ser seu ofício<sup>76</sup>. Assim, seu pai o matriculou em cursos preparatórios para o vestibular, os quais coincidiam com os horários dos treinos da equipe botafoguense. No entanto, a diretoria do time não viu isso como um obstáculo e acatou a proposta feita por Sócrates de comparecer aos jogos nos finais de semana, embora não pudesse garantir sua presença nos dois treinos semanais.

Tom Cardoso não aprofunda na narrativa da preparação de Sócrates para o curso de medicina e a origem de sua rebeldia, concentrando-se já na dualidade de ser um estudante de medicina e jogador de futebol profissional. Por sua vez, Downie oferece mais detalhes sobre sua jornada rumo à formação médica, ressaltando seus desejos iniciais de se tornar jogador profissional e as origens de sua forte personalidade.

Um dos primeiros sinais de sua vontade de se tornar um jogador profissional foi aos dezesseis anos, quando Sócrates se viu diante de um dilema crucial: participar de uma final de futebol ou realizar um teste simulado determinante para seu futuro como médico. Apesar de ter prometido a Raimundo que compareceria ao exame, ele seguiu sua intuição e optou por

---

<sup>73</sup>O ponta de lança é aquele que se localiza normalmente atrás do centroavante, ele se lança rapidamente em direção ao ataque e tem a principal função de fazer os gols da equipe quando a bola chega em seus pés.

<sup>74</sup>CARDOSO, Tom. **Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 30

<sup>75</sup>Ibid

<sup>76</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 30.

entrar em campo e deixar a prova de lado. Embora essa decisão tivesse decepcionado e enfurecido seu pai, a decisiva atuação no jogo, ao marcar os dois gols da vitória, foi fundamental para o aspecto futebolístico<sup>77</sup>. Essa escolha não apenas desencadeou um período vitorioso para o time júnior do Botafogo, como começou a pavimentar o caminho para uma promissora carreira profissional no mundo do futebol.

Downie explica que foi nessa época que Sócrates começou a desenvolver a sua figura rebelde e questionadora, que criava e seguia as suas próprias regras, principalmente devido às brigas que tinha com seu pai e com Sóstenes, seu irmão um ano mais novo. Passou então a frequentar bares, o que despertou seu interesse por garotas, música e cerveja<sup>78</sup>, sendo esta última o ponto inicial de um dos principais desafios que ele enfrentaria ao longo da vida e que possibilitariam lembrar de Sócrates não como “um craque que era boêmio”, mas “um boêmio que virou craque”<sup>79</sup>, e um craque que virou militante. Essa fase marca o início dos primeiros capítulos da obra de Casagrande e Ribeiro, onde é revelada a primeira internação de Sócrates devido a problemas hepáticos causados pela cirrose, decorrente do consumo excessivo de álcool.<sup>80</sup>

[...] O homem cordial é comandado pela emoção. Sócrates se encaixava perfeitamente na descrição. Ele dizia o que pensava e não se importava com as opiniões dos outros. Adorava ser contraditório, por vezes beligerante, e o prazer que sentia ao se comportar assim funcionou como o incentivo ideal para depois lidar com generais, presidentes de clubes e os gritos de milhões de torcedores.<sup>81</sup>

Foi em meio à crescente teimosia e desobediência que Sócrates teve um choque de realidade de seu pai, ao alertar de que o sonho de seguir a carreira médica necessitava de seriedade e dedicação aos estudos, algo que ele não estava cumprindo. Isso fez com que ele voltasse a ser um estudante dedicado e antes de completar os seus 18 anos, no ano de 1972, prestou o vestibular para cinco faculdades diferentes e conseguiu ser aprovado em quatro delas. Dentre elas, ficou em primeiro lugar na Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto (USP-RP) e ficou perto dos melhores nas outras três, nas cidades de Catanduva, Pouso Alegre e Marília, tendo sido reprovado apenas no exame da Santa Casa de São Paulo<sup>82</sup>. Optou por

<sup>77</sup>Ibid. p. 31-32.

<sup>78</sup>Ibid

<sup>79</sup>DIAS, Elder. **Sócrates não foi um craque que era boêmio: foi um boêmio que virou craque** - Jornal Opção. Jornal Opção. Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/reportagens/socrates-nao-foi-um-craque-que-era-boemio-foi-um-boemio-que- virou-craque-56022/>>. Acesso em: 23 nov. 2023.

<sup>80</sup>CASAGRANDE JUNIOR, Walter; RIBEIRO, Gilvan. **Sócrates & Casagrande: uma história de amor**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2016. p. 22.

<sup>81</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 32-33.

<sup>82</sup>Ibid. p. 33-34.

ingressar na USP-RP para iniciar sua jornada na medicina, decisão influenciada pela proximidade com a família e amigos. A partir desse ponto, Sócrates teve que conciliar as exigências de duas paixões: a medicina e o futebol.

## 2.2 As carreiras de Sócrates: Doutor e Jogador

As três biografias analisadas não chegam a um consenso sobre a estreia de Sócrates como jogador profissional. Enquanto Cardoso, Casagrande e Ribeiro concordam que a estreia ocorreu durante uma excursão do time botafoguense ao estado do Mato Grosso, em 1972, no mesmo ano em que ingressou no curso de medicina, sem fazer menção a esta viagem, Downie afirma que a primeira aparição profissional de Sócrates ocorreu em um amistoso realizado também no ano de 1972, porém contra o Nacional Futebol Clube, na cidade de Uberaba, localizada no triângulo mineiro<sup>83</sup>.

A despeito da divergência, as três biografias concordam que teria sido em 1974 a data em que Sócrates assinou seu primeiro contrato profissional, quando conseguiu mostrar qualidade e técnica ao participar do Campeonato Paulista. Seus passes e lançamentos não apenas impulsionaram seu próprio desenvolvimento, mas também foram fundamentais para a ascensão da carreira de seu principal parceiro de ataque, Geraldo da Silva, apelidado de “Geraldão”, contratado pelo Corinthians em agosto de 1975<sup>84</sup>, devido a sua grande performance no campeonato.

Apesar de ocupar a posição de titular no time principal do Botafogo, Sócrates reiterava que o futebol ainda não ocupava o centro de sua carreira. Conhecido como “Magrão” entre amigos e familiares, seu peso de 81 quilos distribuídos em 1 metro e 91 centímetros era resultado da sua ausência nas sessões de treino e musculação do time, pois priorizava sua presença constante na USP-RB durante as manhãs e tardes, além de frequentar bares locais para sustentar seu vício em cerveja e cigarro, uma prática que, em certa medida, era tolerada pela diretoria botafoguense<sup>85</sup>.

---

<sup>83</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 35.

<sup>84</sup>Geraldão, ex-jogador do Corinthians. Meu Timão. Disponível em: <<https://www.meutimao.com.br/jogador-do-corinthians/geraldao>>. Acesso em: 13 nov. 2023.

<sup>85</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 38-40.

Tanto a sua ausência nos treinos devido aos compromissos universitários, quanto à sua própria falta de entusiasmo não espelhavam quem ele era no campo. Sócrates era essencial para a equipe marcar gols e alcançar a vitória, uma contribuição reconhecida até mesmo pelos colegas de profissão, os quais o viam majoritariamente apenas nos dias de jogo. Essa realidade foi confirmada por Jorge Vieira, seu ex-treinador, conhecido pelo seu método de trabalho disciplinador, ao reforçar a importância incontestável no desempenho do time:

Quando eu cheguei ao Botafogo e comecei a mudar tudo, criou-se uma enorme expectativa. Os dirigentes até ficaram preocupados: o Sócrates era o craque do time, já começava a despertar o interesse de grandes clubes, mas era justamente o tipo de jogador que eu combatia, pouco dedicado aos treinamentos, sem a menor disciplina tática e que, para piorar, fumava e bebia cerveja, sem jamais ser contestado. Mas, ao mesmo tempo, era o jogador de que eu precisava dentro de campo. Um líder nato, um cara inteligente, que antes de receber a bola já estava de cabeça erguida, observando o que se passava. Tive uma conversa franca com ele, sem rodeios. Disse que ele continuaria dando prioridade a faculdade de Medicina, mas que eu fazia questão que ele treinasse pelo menos no período da tarde quando a faculdade permitisse. E que a história de beber cerveja e fumar na frente de todos, dentro do clube, eu não permitiria. Se ele tivesse vontade de fumar durante o carteadado, que chupasse balas. Eu comecei a carregar sacos de balas comigo. E fui levando o Sócrates na conversa.<sup>86</sup>

Durante o intervalo entre sua admissão na faculdade de medicina em 1972 e sua transição do futebol amador para o profissional, as biografias enfatizam o encontro de Sócrates com sua primeira esposa, onde cada autor irá contar de formas diferentes em suas obras. Cardoso não aprofunda a respeito de seus outros casamentos, assim como fizeram Casagrande, Ribeiro e Downie que no decorrer da leitura é possível analisar como foram seus quatro casamentos, além de casos fora do matrimônio.

Reconhecido por todos os autores por sua paixão intensa, cruzou caminhos com Regina Cecílio em um baile de carnaval em 1970, apresentada por seu irmão Sóstenes. Sua devoção era notável, acompanhando-a diariamente a pé até o colégio Marista, onde estudavam juntos. “Ninguém fazia coisas assim na nossa idade, com dezesseis, dezessete anos. Por mais paixão que tivesse, esse tipo de atitude era atípica. É quase como o cara colocar o casaco para a mulher passar em cima. Uma coisa assim exageradamente

---

<sup>86</sup>VIEIRA, apud. CARDOSO, Tom. Sócrates: **A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 33-34.

romântica”<sup>87</sup> comentou Sóstenes a respeito de seu irmão mais velho. O auge desse profundo amor se concretizou no casamento de Sócrates e Regina em 29 de dezembro de 1974, quando ele tinha apenas 20 anos de idade. Juntos, deram vida a quatro filhos: Rodrigo, Gustavo, Marcelo e Eduardo. Esse matrimônio perdurou como a mais longeva e significativa união de Sócrates, com 14 anos de história conjugal<sup>88</sup>.

No entanto, a fidelidade não foi um pilar do casamento de Sócrates, que se viu envolvido em sucessivos casos extraconjugais, incluindo um com a cantora brasileira Rosemary Pereira Gonçalves. Esses relacionamentos paralelos contribuíram para o desgaste do casamento com Regina, que se tornou apenas amizade conforme defende Downie em sua biografia<sup>89</sup>. Esse distanciamento culminou em um término frio por parte do jogador, já que seu coração estava direcionado a outra mulher, a ex-tenista Silvana Campos, com quem teve mais um filho, batizado de Sócrates Júnior<sup>90</sup>. O casamento com Silvana durou oito anos, com problemas semelhantes aos do relacionamento anterior. Seu vício crescente em álcool se tornou um fator decisivo para o fim desse casamento.

As biografias analisadas apresentam Sócrates como um homem em busca incansável pelo amor. Essa busca incessante levou-o a encontrar sua terceira esposa, a dentista Maria Adriana Cruz. Juntos, o casal teve seu último filho, Fidel, cujo nome homenageia o revolucionário cubano, em virtude do encantamento que sentiram pela ilha durante uma viagem em 2001<sup>91</sup>. Novamente, Casagrande nos traz que os romances paralelos de seu melhor amigo e a bebida, foram os fatores cruciais que fizeram Adriana não aguentar mais o casamento<sup>92</sup>. Após nove anos de relacionamento, em outubro de 2008, ela quis a separação e pediu para que ele deixasse a casa onde moravam juntos.

Seu quarto e último casamento foi com a jornalista Kátia Bagnarelli, em 11 de novembro de 2010, um ano antes de sua morte. Kátia tinha um sonho de poder ter filhos com ele e chegaram até a fazer inseminação artificial em Cuba, plano interrompido com a morte do marido em 4 de dezembro de 2011<sup>93</sup>. Curiosamente, assim como os autores utilizados

---

<sup>87</sup>CASAGRANDE JUNIOR, Walter; RIBEIRO, Gilvan. **Sócrates & Casagrande: uma história de amor**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2016. p. 106.

<sup>88</sup>Ibid

<sup>89</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourir. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 328-329.

<sup>90</sup>CASAGRANDE JUNIOR, Walter; RIBEIRO, Gilvan. **Sócrates & Casagrande: uma história de amor**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2016. p. 106.

<sup>91</sup>Ibid

<sup>92</sup>Ibid. p 107.

<sup>93</sup>Ibid. p 109.

como referência neste estudo, Kátia também escreveu biografias sobre seu ex-marido,<sup>94</sup> que constituíram fontes importantes para as obras de Casagrande, Ribeiro e Downie.

Depois de explorar os matrimônios e a sinuosa vida amorosa de Sócrates, os autores retornam ao âmbito esportivo e à trajetória médica, cada um delineando essa transição em capítulos distintos, o que evidencia suas abordagens singulares. Casagrande e Ribeiro não exploram detalhadamente a origem familiar e a juventude do biografado e oferecem menos detalhes sobre os três primeiros anos profissionais de Sócrates (1974-1976). Downie se destaca ao narrar diversas histórias desse período inicial, a respeito das dificuldades na esfera futebolística e médica. No entanto, todos convergem para o ano de 1977, quando, ainda jogador do Botafogo, Sócrates alcançou seu feito mais notável no clube de Ribeirão Preto.

Nesse período, o treinador Jorge Vieira formou uma equipe forte e bem treinada, destacando o trio formado por Sócrates, Lorico e Zé Mário, fundamentais na conquista da Taça Cidade de São Paulo, destinada ao vencedor do primeiro turno do campeonato, uma etapa precursora das eliminatórias para definir o campeão paulista. O Botafogo avançou ao eliminar o Guarani Futebol Clube nas semifinais e assegurou o título frente ao São Paulo Futebol Clube, estrategicamente conquistado com um empate favorável à equipe de Ribeirão Preto, o qual teve um gol de Sócrates mal anulado pela arbitragem, segundo a avaliação de Casagrande que assistia ao jogo diretamente do estádio<sup>95</sup>. Nas etapas finais, o Corinthians se consagrou como campeão paulista diante da Associação Atlética Ponte Preta. Já o time de Ribeirão Preto terminou o campeonato na terceira colocação, um feito que enalteceu o valor de todo o elenco do clube do interior. Em 1977, a Revista Placar informava que o Botafogo tinha “sua estrutura firmada em cima de Sócrates, fisicamente despreparado e Lorico, com o fôlego sob medida”, além de exaltar João Carlos da Silva, jogador que não possuía os holofotes da tríade botafoguense.

---

<sup>94</sup>As biografias são intituladas como “Sócrates Eterno” e “Sócrates Brasileiro: Minha vida ao lado do maior torcedor do Brasil”, publicadas respectivamente no ano de 2017 e 2013

<sup>95</sup>CASAGRANDE JUNIOR, Walter; RIBEIRO, Gilvan. **Sócrates & Casagrande: uma história de amor**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2016. p. 80.



Figura 4 Trecho da Revista Placar de 1977.

... lugar no futebol e se mantém nele. No Botafogo, que tem sua estrutura firmada em cima de Sócrates, fisicamente despreparado, e Lorico, com um fôlego sob medida. João corre por todos. Corre todos os cantos do gramado, faz a cobertura dos zagueiros, é lançado no ataque, reveza pela direita, vai à linha de fundo, bate escanteio, perturba o juiz, vai à lateral perto do banco receber instruções do técnico e, quando menos se espera, está dentro da área para o rebote. Humilde, disciplinado e extremamente dedicado ao que faz. João faz futebol.

Fonte: Placar Magazine. Google Books. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/kxFV3>>.

Acesso em: 16 nov. 2023.

Após essa emblemática conquista, Sócrates se viu diante do dilema que o acompanhava desde a adolescência. Seu contrato com o Botafogo se encerraria em fevereiro de 1978, coincidindo com o início de sua residência médica, que exigiria plantões noturnos incompatíveis com sua carreira como jogador profissional. Ao enfrentar pressões tanto do pai, que defendia que pedisse licença do clube para concluir a residência antes de decidir seu futuro, quanto da diretoria do Botafogo, que o pressionava a assinar uma renovação contratual, Sócrates se viu numa das encruzilhadas de sua constituição como sujeito histórico que Downie descreveu como a decisão mais desafiadora de sua vida<sup>96</sup>. Com muitas dúvidas se era a decisão correta, acabou por optar pelo futebol e renovar seu contrato com a equipe de Ribeirão Preto. Segundo a interpretação de Cardoso, “Se fosse possível, Sócrates conciliaria para sempre as duas profissões.”<sup>97</sup>

### 2.3 Memórias Corintianas: Jogador e Democrata

Desde sua não convocação a Copa do Mundo de 1978, quando já mostrava um bom futebol e focado na carreira de jogador, Sócrates aguardava ansiosamente por uma oportunidade de se juntar a um grande clube brasileiro. Entre os interessados, tudo indicava

<sup>96</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 75.

<sup>97</sup>CARDOSO, Tom. **Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 19.

que o jogador de 24 anos estava prestes a embarcar rumo a São Paulo para assinar com o São Paulo FC, especialmente porque, há um ano, o presidente do clube, Antônio Leme Nunes Galvão, havia tentado contratá-lo. No entanto, o presidente do Corinthians na época, Vicente Matheus, um personagem folclórico do futebol e, segundo Tom Cardoso, conhecido por sua extrema facilidade em negociações<sup>98</sup>, interferiu nessa negociação. Ele foi crucial em atravessar o acordo, ao desviar Sócrates para o caminho do Corinthians. “Matheus era um *showman*<sup>99</sup>, famoso pela filosofia simples de vida e por sacadas hilárias, e sua versão do que aconteceu faz parte do folclore do futebol.”<sup>100</sup>

A negociação que levou Sócrates ao Corinthians entrou para o folclore do futebol, e como tal, é contada em todas as biografias, porém com algumas divergências. Todas elas começam evocando a meticulosidade de Vicente Matheus, que montou uma estratégia engenhosa para enganar o presidente do São Paulo e assegurar a ida de Sócrates para o clube do Parque São Jorge<sup>101</sup>(PSJ). Nesse cenário, o Corinthians expressou interesse na contratação de Chicão, jogador do São Paulo, visando fortalecer o seu meio-campo.

Segundo Downie, Galvão estava envolvido nessa negociação e se reuniu com Vicente Matheus e seu irmão Isidoro Matheus para discutir os termos do acordo. Eles concordaram em comprar Chicão do São Paulo, mas, enquanto seu irmão estava ocupado em negociar os detalhes finais, Matheus deixou o restaurante e se dirigiu para Ribeirão Preto para fechar com Sócrates<sup>102</sup>. Já na versão de Cardoso<sup>103</sup>, Ribeiro e Casagrande<sup>104</sup>, não houve essa reunião dos presidentes, pois Isidoro foi solicitado por seu irmão a intermediar a contratação de Chicão, enquanto ele anunciava uma viagem a Buenos Aires, em busca de contratar um jovem promissor que surgia no futebol, o argentino Diego Armando Maradona, entretanto ele nunca foi à Argentina e dias depois chegou a Ribeirão Preto para contratar Sócrates.

Tudo foi um plano para distrair o São Paulo, enquanto estavam focados na negociação de Chicão, o presidente corintiano estava secretamente buscando garantir a contratação de

<sup>98</sup>Ibid. p. 38.

<sup>99</sup>Sem haver uma tradução precisa, o *showman* pode ser entendido como um animador, uma pessoa carismática e que seu principal objetivo é causar entretenimento a uma plateia.

<sup>100</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 77.

<sup>101</sup>O clube localizado no Parque São Jorge de posse do Sport Club Corinthians Paulista é o maior clube multiesportivo do Brasil. Considerando toda a sua grandeza, desde 1929 o clube utiliza o Parque São Jorge como a sua Sede Social e Administrativa. CLUBE - SEDE SOCIAL. Sport Club Corinthians Paulista. Disponível em: <<https://www.corinthians.com.br/clube/sede-social>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

<sup>102</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 77.

<sup>103</sup>CARDOSO, Tom. **Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 40.

<sup>104</sup>CASAGRANDE JUNIOR, Walter; RIBEIRO, Gilvan. **Sócrates & Casagrande: uma história de amor**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2016. p. 81.

Sócrates para o Corinthians. Quando o São Paulo percebeu o plano, já era tarde demais. Matheus e Benedini (representante de Sócrates) haviam feito um acordo que assegurou a transferência do jogador.

No entanto, entre os autores, somente Downie questionará essa história folclórica ao revelar que, na realidade, o Corinthians tinha interesse inicial na contratação de Chicão. Entretanto, o técnico recém-chegado, José Teixeira, discordava fortemente dessa ideia. Ele acreditava que essa transferência forneceria dinheiro ao São Paulo e permitiria que eles comprassem Sócrates e Ney (Também destaque do Botafogo-SP), reforçando um time concorrente. Teixeira, discordava da contratação devido a suas preocupações com lesões e acreditava que o foco deveria ser em trazer Sócrates. Após muita insistência, Teixeira teria convencido Matheus a mudar de ideia quanto à contratação de Chicão. Logo, o dirigente corintiano comunicou ao presidente do São Paulo que o clube não seguiria mais adiante com a contratação do meio campista são paulino. Posteriormente, por influência do técnico, Matheus dirigiu até Ribeirão Preto e conseguiu finalizar a contratação de Sócrates por 5,68 milhões de cruzeiros, o equivalente a 300 mil dólares<sup>105</sup>, além de um salário mensal de 30 mil cruzeiros no primeiro ano de contrato e 45 mil cruzeiros no segundo, padrões considerados baixíssimos para um jogador de seu nível receber num grande clube. Segundo a lembrança do próprio jogador:

“Fui para o Corinthians ganhando a mesma coisa que ganhava no Botafogo. Quis apostar nessa transferência e me arrisquei. Os gastos em São Paulo são bem maiores que os gastos em Ribeirão Preto. Mais da metade do meu salário ia para o pagamento do aluguel”.<sup>106</sup>

Não obstante, há o relato de Hamilton Mortari, vice-presidente do Botafogo na época, que apresentou uma situação semelhante sobre o processo de contratação de Sócrates. Quando a negociação por Chicão foi interrompida, o presidente do São Paulo ligou para Mortari, informando que levaria mais tempo para reunir os recursos necessários para contratar Sócrates. Diante da necessidade de recursos do Botafogo, o clube entrou em contato com o Corinthians para sondar seu interesse na transferência. No dia seguinte, Matheus dirigiu até o sítio de Mortari para finalizar os detalhes da transferência de Sócrates<sup>107</sup>.

Após assinado o contrato e resolvidos todos os trâmites da negociação, Sócrates foi apresentado oficialmente como jogador do Corinthians no PSJ, às 14 horas do dia 4 de agosto

---

<sup>105</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfoury. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 78.

<sup>106</sup>SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. Democracia Corintiana: a utopia em jogo. São Paulo: BoiTempo Editorial, 2002. p.25-26.

<sup>107</sup>Ibid

de 1978, com fogos de artifício e o soar de uma sirene, uma tradição que voltou a ser utilizada pelo clube paulista atualmente. Em entrevista aos jornalistas, suas primeiras palavras como novo jogador do clube causaram surpresa a todos, ao revelar que nunca foi corintiano e sim um torcedor do Santos, um dos maiores rivais do estado. Tal situação foi contornada por Sócrates ao dizer:

Quero conseguir tudo o que não consegui durante a época em que estava estudando medicina. O Corinthians e sua torcida vão me ajudar bastante. A partir de hoje, sou corintiano. Mas nem sempre fui corintiano: quando eu era garoto, talvez influenciado por Pelé, era santista. Não vejo a hora de fazer minha estreia. Já conhecia a torcida do Corinthians como adversária, mas estou ansioso para conhecê-la de perto, como um dos seus jogadores. E do Corinthians, quero chegar à seleção brasileira.<sup>108</sup>

Aos vinte e quatro anos, Sócrates vivia talvez o maior choque na vida, “você sair do útero materno, Ribeirão representava mais ou menos isso para mim e aí você criar coragem para enfrentar o mundo, nem sempre é simples”<sup>109</sup>. A chegada ao Clube paulista era um passo para o projeto de Sócrates de chegar à seleção brasileira, mas representava também a suspensão de seu sonho de se tornar médico, já que ele revelou que não consideraria a medicina até encerrar sua carreira no futebol, concentrando-se inteiramente no time do Corinthians. “Só voltarei a pensar na Medicina aos 34 anos, quando abandonar definitivamente o futebol”<sup>110</sup>, disse Sócrates aos repórteres que o indagavam sobre seus verdadeiros objetivos na carreira.

Após devidamente apresentado, o que a torcida mais queria era poder ver Sócrates estreiar em campo. Esse momento ocorreu logo na primeira rodada do campeonato paulista de 1978, numa partida contra o Santos, time de infância do jogador, diante de 111 mil torcedores que lotaram o estádio Cícero Pompeu de Toledo<sup>111</sup>, popularmente conhecido como Morumbi, local que era cedido pelo São Paulo aos seus rivais do estado<sup>112</sup>.

A estreia de Sócrates pelo Corinthians é brevemente descrita pelos autores, e nem mesmo Casagrande e Ribeiro a mencionam em detalhes, pois o jogador não contribuiu com

<sup>108</sup>Jornal da Tarde, 5 de agosto de 1978. Apud DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 80.

<sup>109</sup>SÓCRATES. Entrevista. In: Estreia de Sócrates | 20/08/1978 | CORINTHIANS. Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EmtYAFoPZik>. Acesso em: 17 nov. 2023.

<sup>110</sup>CARDOSO, Tom. **Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 41.

<sup>111</sup>“Cícero Pompeu de Toledo foi um dos maiores presidentes da história do São Paulo FC e grande entusiasta da construção do estádio são-paulino. Sua morte - ainda durante as obras do Gigante Tricolor - não lhe roubou o reconhecimento, e o estádio foi batizado em sua homenagem.” São Paulo FC. **Sobre o Morumbi**. Disponível em: <<http://www.saopaulofc.net/estrutura/morumbi/sobre-o-morumbi>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

<sup>112</sup>Naquela época, o São Paulo emprestava o Morumbi para que Corinthians, Santos, Palmeiras e até a Portuguesa pudessem ser os mandantes de seus jogos.

gols ou assistências. Contudo, é destacado que ele deixou uma impressão positiva nos colegas e na torcida que acompanhava o jogo, o qual terminou empatado em 1x1. Seu impacto em termos de gols começaria logo no sábado seguinte, em 26 de agosto de 1978, contra a Ferroviária de Araraquara, no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho<sup>113</sup>, conhecido também como Pacaembu. Nessa partida, com o placar final de 2x0 para o time da casa, Sócrates marcou seu primeiro gol, sendo definido por Downie como o destaque do jogo<sup>114</sup>.

A partir desse ponto, todos os autores ressaltam a notável parceria entre Sócrates e o meio-campista Vanderley Eustáquio de Oliveira, apelidado como Palhinha. Essa parceria ganhou especial destaque nas análises de Casagrande, que não esperava formar uma dupla ainda maior nos anos subsequentes.

Embora tenha formado uma parceria de sucesso com Magrão, Palhinha seria eclipsado pela união Sócrates e Casagrande, que, além de se entenderem perfeitamente em campo, ainda se tornaram símbolos da Democracia Corinthiana, com toda a mística que cerca o movimento que influenciou até os rumos políticos do país. Não resta dúvida de que o entrosamento deles fora dos gramados também alimentou a performance dentro das quatro linhas. Criou-se uma admirável simbiose.<sup>115</sup>

A parceria com Palhinha se manteve consistente, elevou o desempenho do time, que culminou na conquista da Taça da Cidade de São Paulo em novembro de 1978, repetindo o feito alcançado pelo Botafogo de Ribeirão Preto no ano anterior. Seu brilhantismo durante o campeonato paulista, encerrado em junho de 1979, após o Corinthians ter sido eliminado no terceiro turno, finalmente resultou na tão merecida convocação para a seleção brasileira, após o técnico Cláudio Coutinho finalmente ter se encantado com seu futebol, após a não convocação para a Copa do Mundo de 1978. Os jogos marcados para o primeiro semestre daquele ano eram amistosos programados como preparação para a Copa América, partidas essas que foram evocadas apenas pelas biografias de Cardoso e Downie.

---

<sup>113</sup>“[...] Paulo destacou-se também como homem do futebol. Homem ligado ao São Paulo, foi chefe da delegação brasileira nas campanhas vitoriosas das Copas do Mundo de 1958, na Suécia, e 1962, no Chile. Por conta disso, ficou conhecido como o "Marechal da Vitória". Em 1961, foi homenageado pela prefeitura de São Paulo que concedeu ao estádio municipal da cidade o seu nome.” **Paulo Machado de Carvalho - Que fim levou?** - Terceiro Tempo. Terceiro Tempo. Disponível em: <<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/paulo-machado-de-carvalho-3737>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

<sup>114</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 82.

<sup>115</sup>CASAGRANDE JUNIOR, Walter; RIBEIRO, Gilvan. **Sócrates & Casagrande: uma história de amor**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2016. p. 83.

A estreia de Sócrates na seleção tricampeã mundial aconteceu em 17 de maio de 1979, contra o Paraguai, no Estádio Jornalista Mário Filho<sup>116</sup>, o icônico Maracanã, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Em sua primeira partida, ao lado de Arthur Antunes Coimbra<sup>117</sup>, o lendário Zico, Sócrates foi destacado por Downie como um dos principais jogadores, ao contribuir com duas assistências na vitória por 6x0. Logo em seguida, em sua segunda partida contra o Uruguai, Sócrates não demorou a marcar seus primeiros gols, registrando dois na expressiva vitória por 5x1. Seu terceiro e último amistoso foi contra o Ajax, time da liga holandesa que estava em excursão pela Argentina, convidado após a desistência da seleção polonesa. Mais uma vez, Sócrates tomou conta do jogo, anotando os dois primeiros gols da seleção, que encerrou o confronto com outra vitória de 6x0 sobre o respeitado time holandês.

Suas ótimas atuações diante de 3 grandes times foi responsável por calar os críticos que o apontavam como um fraco jogador. Entre eles o presidente da então Confederação Brasileira de Desportos (CBD), Heleno Nunes, que dizia que ele não jogava nada<sup>118</sup> e o jornalista e ex-técnico da seleção João Saldanha, ao dizer numa entrevista à revista Playboy em março de 1978 as seguintes palavras: “Ser estrela em time pequeno é fácil. Se esse Sócrates for jogar num time grande, aposto que ele some. Além do mais, só tem gás para um tempo de jogo: quando começa o segundo tempo já está com a língua de fora.”<sup>119</sup>

Contudo, Sócrates já vivia momentos de pressão no clube paulista, devido a eliminação sofrida no campeonato paulista de 1978. Após a derrota por 3x2 para o Clube Atlético Juventus, ao lado de Palhinha, o jogador teve o carro cercado por diversos torcedores corintianos, que os xingavam e batiam na lateral do carro<sup>120</sup>. O jogador era bastante frio em suas reações, até quando fazia seus gols, algo que irritava a torcida alvinegra e Palhinha, que passou a cobrar mais animação de seu amigo naquela situação desesperadora: “Pô, Magrão! Quantas vezes eu falei pra você vibrar nos gols? Não custa nada, porra! Vai lá no alambrado, grita, esperneia - se fizer isso, a torcida é capaz de perdoar tudo [...]. Ele ficou muito nervoso, tenso, não sabia como reagir a tudo aquilo. Foi muito duro para ele.”<sup>121</sup>

---

<sup>116</sup>O nome Estádio Jornalista Mário Filho veio só em outubro de 1966, em homenagem a um dos maiores incentivadores da construção do estádio. Irmão de Nelson Rodrigues, Mario Filho fez grande campanha para o Maracanã ser ali. Na época, havia uma vontade de construir o palco da final da Copa em Jacarepaguá.” **Estádio Jornalista Mário Filho** - Maracanã. Estadiomarcana.com.br. Disponível em: <<https://estadiomarcana.com.br/maracana/historia>>. Acesso em: 18 nov. 2023.

<sup>117</sup>Ao lado de Sócrates, Zico foi um dos grandes expoentes do futebol brasileiro e mundial. Como jogador do Flamengo, a imprensa o rivalizava com Sócrates devido a rixa que existia entre as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

<sup>118</sup>CARDOSO, Tom. **Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 35.

<sup>119</sup>Ibid. p. 47.

<sup>120</sup>Ibid. p. 50.

<sup>121</sup>Ibid.

A intensa pressão sobre o jogador encontraria um alívio marcante no ano seguinte, com a conquista do Campeonato Paulista de 1979, cuja conclusão se deu apenas nos primeiros meses de 1980. Evento esse que ocorreu após Vicente Matheus recusar a realização de uma rodada dupla no Morumbi. Depois de tudo resolvido, o Corinthians enfrentou seu maior rival estadual, o Palmeiras, na semifinal e assegurou sua vaga na final ao empatar o primeiro jogo por 1x1 e vencer o segundo por 1x0. A disputa pelo título se deu no formato de melhor de três partidas, revivendo a final contra a equipe da Ponte Preta, ocorrida em 1977. O Corinthians se consagrou campeão ao vencer o primeiro jogo por 1x0, empatar o segundo em 0x0 e triunfar no terceiro por 2x0, com gols marcados por Sócrates e Palhinha. Assim, o clube conquistou o seu 17º título paulista e marcou a primeira conquista expressiva de Sócrates com o clube paulista, comemorado com imensa felicidade junto da torcida<sup>122</sup>.

A partir desse ponto, ao reconsiderar a jornada de Sócrates, segundo a narrativa de seus biógrafos, e chegar ao que considero o início do ápice de sua carreira ao representar o Corinthians e a Seleção Brasileira, atentemos para o movimento político mais significativo no futebol brasileiro, ainda tomando como base as biografias, para revisitarmos especificamente nos eventos que deram origem e moldaram a Democracia Corintiana. O objetivo é redimensionar a centralidade que Sócrates adquire nas narrativas deste evento. Por essa razão, optei por deixar de lado narrativas paralelas que não contribuem diretamente para o cerne e o propósito central deste trabalho, focando no que é essencial para concluir meu objetivo.

Ao chegar no ano de 1980, com o cargo de novo técnico da Seleção Brasileira na responsabilidade de Telê Santana, foi encarregado por Giulite Coutinho, presidente da agora Confederação Brasileira de Futebol (CBF), de montar o melhor time possível para a Copa do Mundo de 1982, sediada na Espanha. O técnico possuía uma admiração por Sócrates e o convocou para que pudesse conhecer melhor as suas características para o time, porém o que de fato chamou a sua atenção não foram suas habilidades futebolísticas, mas sim a sua liderança dentro do vestiário.

Mas o que impressionava de fato Telê era a liderança quase silenciosa que Sócrates exercia sobre os outros atletas. O jogador dispensava todos os clichês do gênero - não esperneava em campo, não gritava e raramente gesticulava. Telê escolheu Sócrates como o seu capitão antes mesmo de elegê-lo titular.<sup>123</sup>

Entretanto, Sócrates vivia momentos de tensão com o presidente Vicente Matheus, principalmente referente a sua renovação contratual, que se encerrava no dia 3 de agosto de

---

<sup>122</sup>Ibid. p. 50.

<sup>123</sup>Ibid. p. 60.

1980, onde o jogador exigia um grande aumento salarial, devido a suas contribuições ao time paulista. Comprometido em continuar no Corinthians, Downie nos mostra que Sócrates já dava indícios de assumir um papel importante fora dos gramados numa longa entrevista que cedeu à revista Placar, em 27 de junho de 1980, dois anos antes do início da Democracia Corinthiana. Seu espírito de liderança começava a se tornar cada vez maior

Naquele momento, ninguém deu muita importância aos comentários. Jogadores nunca tinham almejado o controle de um time de futebol e um homem como Matheus jamais cederia poder, especialmente num país em que a democracia não tinha tido espaço para uma geração inteira. Mas, em retrospectiva, a mensagem de Sócrates era clara. Ele se enxergava como mais do que um jogador de futebol.<sup>124</sup>

“O que eu quero é demonstrar que sou importante para o clube e vice-versa”, disse. “Talvez até já existam sinais disso. Eu tenho a sensação de que o presidente está mais próximo, independentemente do fato de eu estar tentando essa aproximação. Eu quero melhorar as relações dentro do clube, fazer mais, participar mais das decisões. O retorno do grupo será imediato e as coisas não serão baseadas apenas no dinheiro. Os jogadores precisam sentir uma conexão emocional e é nisso que eu quero um papel para mim. Talvez até minha racionalidade — o que, no fundo, é a maior barreira entre mim e os torcedores, embora eu ache que eles deveriam entender —, até isso possa mudar. Se eu pudesse participar das decisões dentro do clube, meu comportamento mudaria de várias maneiras.”<sup>125</sup>

A renovação do contrato de Sócrates se desenrolou como uma trama repleta de tensões e negociações sem resultado. Apesar do comprometimento de Sócrates com os acordos, a relação com Vicente Matheus se tornou um verdadeiro desafio devido à inflexibilidade do dirigente. A tentativa de renovação do ano anterior deixou Sócrates perplexo, pois via sua proposta como vantajosa para ambos, mas encontrava dificuldades em lidar com a teimosia de Matheus. Com o prazo de 3 de agosto de 1980 para o contrato expirar, as negociações se arrastaram por semanas, agitando a mídia e deixando os torcedores ansiosos. Enquanto Sócrates desempenhava um papel crucial na seleção brasileira, o Corinthians enfrentava grandes dificuldades nos campeonatos, evidenciado pela ausência do jogador. O retorno de Osvaldo Brandão, um técnico experiente, somado ao interesse de outros times como São Paulo, Flamengo, Internacional, Santos e Botafogo do Rio de Janeiro, intensificou a pressão nas negociações. Matheus sentiu o peso da torcida e as possíveis consequências de vender seu melhor jogador para um rival, tornando o processo de

<sup>124</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 126.

<sup>125</sup>Placar, 27 de junho de 1980. Apud DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 126-127.



negociação turbulento. Exausto da incerteza e dos jogos de cena, Sócrates adotou uma estratégia preventiva e surpreendeu Matheus ao chegar de surpresa em sua residência, chegando rapidamente a um acordo para continuar no Corinthians. O jogador passaria então a ser um dos mais bem pagos do Brasil, com valores salariais entre 500 mil a 700 mil cruzeiros por mês, cerca de quase 10 mil dólares.

Eu havia assinado por dois anos. Então propus ao Matheus a antecipação da renovação do contrato. Eu iria ganhar mais, ficar mais tranquilo, e ele ganharia um ano a mais de contrato comigo. Eu queria adequar o salário à minha nova realidade profissional. Mas ele não quis. Dizia que não poderia criar uma exceção. Administrativamente correto, humanamente burrice. Passei então a não receber a premiação que era paga a cada jogo. A premiação fazia parte do salário. Ela acumulava com o salário e você pagava imposto de renda sobre tudo. Tudo era salário. O valor do passe, inclusive, era proporcional ao que você ganhava. Era um cálculo prefixado. Você valia “x”, proporcionalmente a quanto ganhava. Então, eu deixei de receber os prêmios, pois o pagamento deles não era obrigatório. A única coisa obrigatória era o valor estipulado em contrato, que era um número sempre muito inferior ao que eles realmente pagavam. Nisso, eu comecei a não receber para diminuir o valor do meu passe. Dessa forma, eu poderia negociar melhor no final. Ele depositava em juízo e eu devolvia, também em juízo. Sorte minha que fiz alguns contratos publicitários no período que aliviaram o meu caixa. Estava exercendo meus direitos. Meu poder de barganha era maior. Fiquei nessa situação quase um ano. Meu passe ficou barato para o que eu havia conquistado em valorização e o Matheus ficou pressionado no momento de renegociar. Passei quase dois meses negociando, fora de contrato, sem jogar. Porém consegui renegociar meu contrato por um valor dez vezes superior ao que eu pleiteava um ano antes. Se eu não conseguisse renegociar, compraria minha liberdade e, se alguém quisesse me contratar, teria de passar por mim necessariamente. Meus direitos podiam não ser muitos, mas eu os exercia plenamente.<sup>126</sup>

Após a renovação de seu contrato, uma nova preocupação emergia: a iminente disputa pela presidência do Corinthians, marcada para abril de 1981, após temporadas ruins do time corintiano. Essa eleição se tornaria um dos pilares iniciais da Democracia Corintiana, visto que a mudança no poder traria Casagrande de volta ao time, após ter sido emprestado à Caldense devido a divergências com o técnico e o presidente Vicente Matheus.

Nesse contexto, todos os biógrafos analisados descrevem de forma semelhante como se deu essa eleição. Vicente Matheus, no poder desde 1972, ao estar impedido pelo estatuto de buscar um terceiro mandato consecutivo, explorou uma brecha junto ao seu vice, Waldemar Pires. Eles arquitetaram um acordo engenhoso: trocaram de posições na chapa eleitoral, mas nos bastidores, Matheus continuava no controle, mantendo Pires como seu

---

<sup>126</sup>SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. **Democracia Corintiana: a utopia em jogo**. la São Paulo: BoiTempo Editorial, 2002. p.25-26.

"número dois"<sup>127</sup>. Apesar da clara manobra, a maioria dos envolvidos pareceu não se importar, resultando na vitória de sua chapa na eleição. Inicialmente, essa nova dinâmica funcionou, porém ruiu quando Matheus ultrapassou os limites de autoridade, negando-se a abrir mão do cargo e impedindo Pires de exercer suas funções. Esse embate levou Pires a reivindicar sua posição como presidente em agosto, surpreendendo a todos, especialmente Matheus. No início hesitante, Matheus eventualmente cedeu, permitindo que Pires assumisse o controle do clube.

Segundo as narrativas de memória do próprio presidente do clube, Waldemar Pires, “O Matheus era meu vice-presidente, mas centralizava muito. Ele queria mandar como se fosse presidente. Então eu me vi obrigado a tomar uma atitude”, conta Pires, o presidente que meses mais tarde criaria a abertura necessária para o estabelecimento da Democracia Corinthiana<sup>128</sup>. Conforme explicado por Downie<sup>129</sup>, para Sócrates, essa situação, muito provavelmente, ressaltou a necessidade não só de adaptação e mudança dentro do clube, mas também de uma revisão na sua própria abordagem e perspectiva em relação ao time e ao ambiente em que atuava, pois as dificuldades já haviam passado e seus sentimentos pelo Corinthians se tornaram algo apaixonal.

Apesar das inúmeras crises enfrentadas pelo Corinthians em diferentes áreas, um novo e importante líder emerge para assumir as rédeas da administração do futebol. Isso ocorreu devido a Pires, o agora verdadeiro presidente, tentar buscar estabelecer uma nova parceria com os “caciques” do clube, um movimento evidenciado por Ribeiro e Casagrande<sup>130</sup>. Formado em sociologia pela USP e sem saber nada de futebol, Adilson Monteiro Alves foi indicado ao cargo por seu pai, Orlando Monteiro Alves, por ser conselheiro e vice-presidente de futebol do clube. Tal indicação gerou incertezas dentro do clube, pois o nepotismo parecia mais um motivo para se aproveitar das crises que a instituição passava. Tal ideia se provaria não ser verdade nos anos seguintes.

Adilson desempenhou um papel significativo no movimento estudantil que se opunha à ditadura militar em vigor. Ele ocupou cargos de liderança na União Estadual dos Estudantes (UEE) e na União Nacional dos Estudantes (UNE). Sua atuação o levou a ser preso em 1968

---

<sup>127</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 151.

<sup>128</sup>SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. **Democracia Corinthiana: a utopia em jogo**. São Paulo: BoiTempo Editorial, 2002. p.35.

<sup>129</sup>Ibid.

<sup>130</sup>CASAGRANDE JUNIOR, Walter; RIBEIRO, Gilvan. **Sócrates & Casagrande: uma história de amor**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2016. p. 87.

durante um congresso da UNE realizado em Ibiúna, no interior de São Paulo<sup>131</sup>, numa operação conduzida por cinco delegados do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), órgão que era responsável por perseguir opositores do estado. Dentre os delegados estava Romeu Tuma, conselheiro vitalício do próprio Corinthians.

No seu primeiro diálogo aberto com os jogadores, Adilson adotou uma postura de sinceridade ao admitir seu desconhecimento sobre futebol e declarou sua intenção de não seguir os caminhos dos seus antecessores. As biografias revelam que ele encarava os jogadores como profissionais legítimos, sem a necessidade de tratamento especial ou imposições excessivas de regras. Sua prioridade era estabelecer uma relação mais próxima entre a diretoria e os atletas, estava aberto a discutir novos modelos de gestão que concediam maior autonomia aos jogadores, ao mesmo tempo em que descentralizava o poder dos dirigentes. Diante da postura adotada, os jogadores, liderados por Sócrates, prontamente apresentaram suas ideias sobre os pontos que poderiam ser aprimorados e as falhas identificadas.

Surpreendentemente, a conversa tocou em assuntos que iam muito além do futebol, e Adilson disse aos jogadores que eles poderiam ser agentes de transformação. “Estou transmitindo a eles que não temos de aceitar a vida tal como ela se apresenta”, disse Adilson. “Devemos questioná-la, discutir. Mudar, se for preciso. Foi assim que o povo brasileiro conseguiu a abertura. E é assim que o Corinthians poderá se tornar um time espiritual e financeiramente mais forte”<sup>132</sup>

Após ouvirem as propostas e entenderem a trajetória de Adilson, Sócrates e os demais jogadores deram seu apoio ao novo dirigente de futebol, marcando assim os estágios iniciais do que viria a ser o maior movimento no esporte brasileiro. “Eu conheço biscoitos e sociologia, mas não futebol. Então me digam o que estamos fazendo de errado”. Foi música para os ouvidos de Sócrates, que imediatamente respondeu: “Nós temos uma solução, vamos começar a exercer”<sup>133</sup>.

Downie nos mostra que, inicialmente, Sócrates não possuía nenhum interesse sobre a vida política. O jogador, na realidade, preferia dar atenção apenas ao futebol e sua vida social, além de ser desinteressado por política, era uma pessoa que aceitava tudo aquilo que a ditadura dizia ser a verdade, sem nenhum senso crítico. Tal fato pode ser notado logo nos

---

<sup>131</sup>CARDOSO, Tom. **Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 71-72.

<sup>132</sup>Placar, 27 de novembro de 1981. Apud. DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 158.

<sup>133</sup>Ibid

parágrafos seguintes, ao ser apresentado como um admirador do revolucionário chinês Mao Tsé-Tung e o ex-presidente americano John Kennedy<sup>134</sup>.

Sócrates possuía uma opinião surpreendente sobre a censura imposta pelo Ato Institucional n.º 5, que visava principalmente a censura da imprensa. Em suas palavras ao Diário da Manhã, em 1976, quando tinha 22 anos:

“A censura à imprensa, em termos, é necessária”, disse Sócrates. “Mas não deve ser levada até um ponto crítico, porque causa a extinção de iniciativa. E, se a gente for pensar na não existência da censura prévia, ou alguma coisa desse tipo, acredito que as coisas se complicariam para o governo. Aí seria difícil controlar a divulgação dos fatos, em salvaguarda da imagem do governo perante a população. Pessoalmente, acho muito importante o governo manter a boa imagem diante do povo. Aqui está havendo uma transformação desde a Revolução de 1964.”<sup>135</sup>

A utilização do termo “revolução” por parte de Sócrates é um dos principais indicativos que Downie nos mostra para dizer que o jogador aceitava tudo aquilo que os militares diziam, pois não possuía nenhum traço de criticismo. O autor explica que tal fato pode ser explicado devido a sua formação escolar, onde era ensinado a respeito da “Educação Moral e Cívica” e “Organização Social e Política do Brasil”, matérias que doutrinavam as crianças a sempre respeitar Deus e o país, em nome do nacionalismo<sup>136</sup>. Além do mais, o vertiginoso crescimento econômico fez com que o investimento pudesse ser direcionado às indústrias, fator esse que expandiu a classe média e aumentou o poder de compra das pessoas mais pobres entre os anos de 1968 e 1976, conhecido pelos historiadores como “milagre econômico”. Tais fatores podem ter sido fundamentais, de acordo com Downie, por corroborar na sua visão limitada e falta de interesse político, mesmo que fosse reticente com a ditadura, devido a ter presenciado seu pai ter que queimar livros em sua infância.

No entanto, seu senso de justiça e espírito crítico começaram a aparecer, principalmente devido às suas experiências pessoais como jogador de futebol. Em 1977, quando ainda atuava pelo Botafogo, Sócrates passou a reconhecer a importância de todos ao seu redor, desde a pessoa responsável pela lavanderia, a faxina, até os assistentes da comissão técnica. Ele defendia a ideia de que todos mereciam receber uma parcela da premiação dos

---

<sup>134</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 60.

<sup>135</sup>Diário da Manhã, 18 de julho de 1976. Apud. DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 60.

<sup>136</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 61.

cachês conquistados, refletindo sua visão sobre a valorização de cada indivíduo. “Seus companheiros gostaram da ideia e decidiram oferecer aos funcionários um quinto dos prêmios pagos aos jogadores. Eles levaram a sugestão aos diretores, que a aprovaram.”<sup>137</sup>

Cerca de um ano depois, como jogador do Corinthians, ele novamente lutou por melhorias para os jogadores ao liderar uma estratégia notável para pressionar a empresa patrocinadora a fornecer mais camisas. Inicialmente, os jogadores recebiam apenas duas camisas oficiais por mês da Topper, sem a possibilidade de obter mais, mesmo ao requisitar à empresa. Isso significava que se precisassem de uma camisa extra para ocasiões especiais ou para presentear alguém, teriam que comprá-la. Diante dessa situação, Sócrates propôs aos jogadores a ideia de treinar com as camisas viradas do avesso, de modo que o logotipo da patrocinadora não fosse visível na televisão ou nos jornais. Os jogadores concordaram e a repercussão foi imediata: a patrocinadora Topper reclamou com o clube, que direcionou a questão de volta aos jogadores. Dois dias depois dessa ação, a empresa cedeu à pressão e concordou em fornecer dez camisas por mês aos jogadores para uso pessoal, atendendo à demanda que antes havia sido recusada. Essa tática destacou a força e o poder de negociação que Sócrates e os jogadores do Corinthians possuíam para defender seus interesses e necessidades. Segundo suas próprias palavras,

O poder do futebol está em seu grupo de atletas. Podem tentar interferir, mexer, limitar, castrar, mas o poder mesmo está ali. A partir de algum momento, de alguma forma, isso se instalou como realidade no Corinthians. É claro que existiam algumas reações internas e muitas externas. Mas já não dava para mexer mais. Estava enraizado. Até porque a força que as pessoas adquirem numa situação adversa é enorme. Torna-se complicado alguém tentar destruir. Houve diversas tentativas, mas internamente eram bem mais discretas do que externamente. O jogador de futebol não tem consciência de seu poder.<sup>138</sup>

Tal feito é colocado pelo goleiro Jairo, também ex-jogador do Corinthians, como o verdadeiro início da Democracia Corintiana, ao ser entrevistado por Downie.

Eu lembro que essa foi a primeira vez que ele assumiu um papel de liderança. [...] Ninguém tinha pensado em Democracia Corintiana até aquele momento e, para mim, aquele foi o início. Para nós, os jogadores, o respeito que ele tinha por nós e que nós tínhamos por ele não mudou em nada, mas ele começou a ter mais liderança. Ele decidia mais.<sup>139</sup>

---

<sup>137</sup>Ibid. p. 153.

<sup>138</sup>SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. **Democracia Corintiana: a utopia em jogo**. la São Paulo: BoiTempo Editorial, 2002. p.43.

<sup>139</sup>Ibid. p. 154.

Após dois anos de temporadas desafiadoras, marcadas por uma troca tumultuada na presidência e nos cargos esportivos, o início de 1982 parecia trazer uma guinada positiva para o Corinthians. Com o retorno de Casagrande e seu entusiasmo pelas propostas de Adilson, houve uma notável melhora na qualidade do time. Sua estreia no cenário profissional ocorreu na Taça de Prata do Campeonato Brasileiro daquele ano, uma competição que representava uma divisão inferior à principal, pois o Corinthians havia terminado em oitavo lugar no Campeonato Paulista de 1981, perdendo a classificação pois apenas os sete primeiros iam para a Taça de Ouro, que era a divisão principal do campeonato brasileiro.

O entrosamento no time corintiano era notável, especialmente entre a dupla Casagrande e Sócrates, que contribuía em quase todos os gols do Corinthians. Esse desempenho levou facilmente o time à divisão principal do campeonato brasileiro ainda em 1982, já que o regulamento permitia o acesso da divisão inferior para a disputa do título. Casagrande, em sua biografia, revela que sua admiração por Magrão vem desde os tempos em que ele estreou no profissional do Botafogo de Ribeirão Preto. O sonho de finalmente jogar ao lado de alguém que ele sempre acompanhou desde as divisões de base estava, enfim, realizado. “Pensei: caraca, essa dupla é capaz de decidir jogos difíceis! Começou a ficar claro pra todo mundo que a gente era importante, tanto para o time como um para o outro”<sup>140</sup>

O que surpreendeu Casagrande foi a profundidade do entrosamento entre a dupla, não apenas durante os jogos, mas também fora de campo. Ribeiro descreve como Sócrates passou a buscar cada vez mais o jovem parceiro em campo, pois ele se destacava como o único capaz de dar sequência às jogadas geniais<sup>141</sup>. Apelidado de “Big” por seu melhor amigo, Casagrande representava a complementaridade perfeita para a genialidade de Sócrates. A sintonia entre os dois transbordava para o cotidiano, pois apesar da rebeldia presente na vida de Sócrates, ele era notavelmente tímido e reservado. Sua ligação de amizade com Casagrande era única entre os jogadores, a ponto de buscar constantemente sua companhia para treinos individuais e para relaxar e beber cerveja no Bar da Torre, um boteco localizado dentro do clube, e em festas nas agitadas noites de São Paulo. Os nove anos de diferença entre os dois não foi impeditivo para a grande amizade, pois Sócrates enxergava o jovem rebelde como uma versão mais nova de si mesmo. Ribeiro e Casagrande captaram com precisão o espírito da obra em seu título: era, verdadeiramente, uma história de amor<sup>142</sup>.

---

<sup>140</sup>CASAGRANDE JUNIOR, Walter; RIBEIRO, Gilvan. **Sócrates & Casagrande: uma história de amor**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2016. p. 89.

<sup>141</sup>Ibid. p. 95.

<sup>142</sup>Ibid. p. 95-96.

Retomando o viés político no âmbito do clube, Adilson nutria o desejo pelo retorno da democracia no Brasil. A estratégia da famosa “abertura lenta, gradual e segura”, proposta por Ernesto Geisel e continuada por João Baptista de Oliveira Figueiredo, permitia ao sociólogo utilizar sua posição no Corinthians, o maior clube do Brasil, como um meio para impulsionar e acelerar esse processo de democratização o mais breve possível. Por isso, em seus primeiros seis meses de trabalho, junto de Sócrates e os demais jogadores, a gestão do clube passava por uma drástica mudança para implantar um sistema que Cardoso afirmou quebrar uma série de paradigmas no futebol<sup>143</sup>.

Se os militares, no poder desde 1964, haviam optado por uma abertura ‘lenta, gradual e segura’, os atuais dirigentes do Corinthians tinham pressa. Pressa para estabelecer uma nova filosofia dentro do clube, que consistia em uma série de concessões inéditas aos atletas, conquistadas pelo exercício mais elementar da democracia: o voto.<sup>144</sup>

Foi assim, inaugurada a experiência política e de gestão que ficou conhecido como Democracia Corintiana. Sem poder votar nas eleições presidenciais desde 1960, dentro do clube do Parque São Jorge tudo passou a ser decidido nas urnas, os votos dos roupeiros, massagistas, de Sócrates, Adilson, Wladimir, Casagrande e todos os funcionários do clube tinham exatamente o mesmo peso. As decisões eram em todas as esferas do clube, não apenas na parte futebolística, os funcionários participavam das resoluções do âmbito político e econômico, até mesmo de quem eles deveriam contratar. Washington Olivetto, responsável pelo marketing do Corinthians e dono da agência DPZ, ressalta a personalidade dos principais nomes dentro do evento:

A Democracia Corintiana não existiria sem o Sócrates, Wladimir e o Casagrande. O Wladimir era o mais politizado, o Casão, o mais irreverente, e o Sócrates, o mais apaixonado. O que ocorreu no Corinthians foi fruto da paixão do Sócrates. Eu e Adilson colaboramos um pouco, com algumas ideias, mas o obsessivo ali era o Sócrates.<sup>145</sup>

Essa situação levou alguns dirigentes e conselheiros opositores a se manifestarem publicamente contra o “sistema de trabalho”, argumentando que tudo aquilo ia de encontro ao estatuto do clube, algo que não deveria ser aceito. De fato, havia veracidade nessas afirmações. No entanto, esse era exatamente o propósito de Adilson, Sócrates e dos demais jogadores: revolucionar o clube paulista. Cardoso chega a revelar que um dos conselheiros

---

<sup>143</sup>CARDOSO, Tom. *Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 76.

<sup>144</sup>Ibid.

<sup>145</sup>Ibid. p. 77

dizia que os comunistas haviam tomado o poder e pretendiam fazer do PSJ uma base guerrilheira<sup>146</sup>. O Corinthians realmente estava sob o comando de opositores do regime militar, entretanto o único que foi abertamente um admirador do socialismo foi o próprio Sócrates, porém vários anos depois disso.

Para os críticos, a instauração da democracia no clube era frequentemente interpretada como desordem, com ataques ao projeto sob a alegação de que toda essa liberdade levaria os jogadores e funcionários a relaxar e agir de forma irresponsável em relação à instituição. Essas críticas foram prontamente rebatidas por Sócrates e seus colegas, que reafirmaram seu compromisso em priorizar o futebol e manter suas responsabilidades em alto nível. Para isso, criaram o lema: “Liberdade com responsabilidade”<sup>147</sup>, para tentar acalmar quem desconfiava de suas atitudes. Segundo a própria narrativa de Sócrates,

Com o tempo, nós passamos a exercer o direito de voto dentro do Corinthians. Este foi o mote que gerou a transformação de todo o processo de relacionamento. Originou até o nome: Democracia Corintiana. Tudo por causa do direito de voto. Nós passamos a exercer uma forma de relacionamento na qual o voto era essencial. Tudo era votado. Essa foi a ação mais concreta do processo. Dissemos: “A partir de hoje, o que for coletivo, nós vamos votar!” Fazíamos tudo respeitando as funções profissionais de cada um: jogador tem de jogar; técnico tem de treinar; preparador físico precisa preparar fisicamente; o médico tinha que fazer seu trabalho. A partir do momento em que passamos a votar tudo o que era coletivo, era iniciado um processo político, de formação política, de informação política. Qualquer questão era levada a voto. Qualquer um podia apresentar um assunto para votação. Quando viajar? A que horas viajar? Onde concentrar? Tudo era discutido. Nós tínhamos sempre algumas opções. Levávamos em consideração a possibilidade econômica do clube. Sabíamos até quanto eles podiam chegar. Dentro das possibilidades, nós colocávamos as opções que se encaixassem. Nós nos reuníamos no vestiário ou no campo e decidíamos. A partir de então, nós começamos a exercer isso semanalmente. Falávamos sempre sobre uma série de coisas, inclusive horário de treino. Discutir e votar eram quase um vício. No começo, as pessoas tinham muito medo de se manifestar. Dentro desse universo havia um representante do poder, que era o diretor de futebol. Qual seria a consequência contra cada uma delas se tomasse uma posição? O Adílson representava o clube, mas tinha também direito a um único voto. Liberdade é algo que gera responsabilidade. É preciso saber equilibrar e administrar esses dois aspectos. Gradativamente, nós começamos a mostrar para as pessoas com as quais nos relacionávamos profissionalmente que o voto delas era fundamental. Elas passavam a ter um peso muito grande, muito maior do que talvez no time. Um jogador que fosse reserva no time e não ia jogar nunca tinha peso político igual ao meu, que era jogador de seleção, ou

---

<sup>146</sup>Ibid.

<sup>147</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 164.



de qualquer outro titular. Era uma oportunidade que esse atleta-cidadão não teria em nenhum outro lugar<sup>148</sup>.

O processo de politização de Sócrates foi bastante complexo, influenciado por uma série de experiências marcantes que permearam sua vida desde a infância até a maturidade. Uma dessas memórias cruciais remonta ao episódio de ver seu pai queimar livros, um ato motivado pelo medo associado à posição pública dele, em meio a opressão da ditadura militar. Essa lembrança reverberou profundamente em Sócrates, que o levou a investigar os livros e autores que foram alvo daquele ato, como Karl Marx, Engels, Gramsci, Maquiavel, entre vários outros intelectuais<sup>149</sup>, iniciando assim sua busca por compreensão e conhecimento.

Ademais, a influência de Adilson foi notavelmente significativa nesse processo de desenvolvimento. Como líder estudantil e figura política engajada, Adilson proporcionou a Sócrates uma base sólida em sociologia e filosofia, apresentando-lhe uma ampla gama de pensadores e abrindo portas para círculos intelectuais diversos, que contribuíram para a expansão de seus horizontes intelectuais. Outro personagem crucial foi Juca Kfourri, editor da revista Placar, que desempenhou um papel desafiador na vida de Sócrates. Envolvido em movimentos sociais, Kfourri confrontou Sócrates sobre suas declarações elogiosas a ditadores e políticos de direita, gerando debates profundos sobre política, arte e literatura. Esses encontros proporcionaram a Sócrates uma fonte adicional de informações e perspectivas diversas, enriquecendo ainda mais seu desenvolvimento intelectual. A cidade de São Paulo, como a maior metrópole do Brasil, foi um ambiente propício para esse processo de amadurecimento. Sócrates, como ícone do futebol local, mergulhou naquilo que havia de intelectual da cidade, explorando cinemas, teatros, galerias de arte e participando de discussões políticas e filosóficas profundas em meio a conversas animadas e diversas garrafas de cerveja<sup>150</sup>. Esse ambiente alimentou sua insaciável sede por conhecimento e estimulou seu crescente interesse na esfera política e intelectual, algo que moldou seu caráter político e crítico.

Downie explica que todos dentro do clube atribuíram a Sócrates a figura principal da Democracia Corintiana, pois ele sabia que seus companheiros não possuíam a capacidade de explicar à imprensa o movimento que eles implantaram, pois muitos haviam completado apenas o ensino primário. Nas palavras do jornalista escocês:

---

<sup>148</sup>SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. **Democracia Corintiana: a utopia em jogo**. 1ª São Paulo: BoiTempo Editorial, 2002. p.50.

<sup>149</sup>Ibid. p. 165.

<sup>150</sup>Ibid. p. 166-167.

Sócrates aceitou o papel com sua tranquilidade característica. Sabia que poucos de seus companheiros tinham a capacidade intelectual — e ainda menos o desejo — de encarar a imprensa com frequência a fim de explicar o que eles estavam tentando fazer. Muitos dos jogadores haviam tido apenas o ensino primário e, enquanto talvez apreciassem a maior liberdade, essa não era sua luta e eles não estavam prontos para se colocar na linha de frente. A liderança era natural para Sócrates e veio com a vantagem adicional de permitir a ele que determinasse a agenda do movimento.<sup>151</sup>

Essas decisões refletiram diretamente na evolução do desempenho do time corintiano, que havia iniciado a temporada na divisão inferior do Campeonato Brasileiro. Contando com os principais líderes do movimento, o Corinthians conseguiu superar um período turbulento e alcançar as semifinais do campeonato nacional. Entretanto, foram eliminados pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense com um placar agregado de 5x2 para os gaúchos. Surpreendentemente, essa derrota não enfureceu a torcida, pois reconheceram a dedicação dos jogadores em chegar em tal estágio da competição.

A partir desse momento, todos os autores vão se concentrar em contar como Sócrates se preparou para disputar a Copa do Mundo de 1982. Eles denotam como o jogador mudou totalmente a sua rotina para disputar o maior torneio do futebol, ao diminuir o número de cigarros de dois maços por dia, para apenas um cigarro por noite e a troca de cerveja por água, sempre que possível. Não obstante, aumentou a sua carga de treinos com o preparador físico da seleção, Gilberto Tim, para que chegasse na Espanha, sede da copa, no seu auge físico e técnico, algo que chamou atenção até de seus companheiros de time<sup>152</sup>, pois era um esforço que nunca fizera antes.

A seleção brasileira sob o comando de Telê Santana, com jogadores como Sócrates, Zico e companhia, é lembrada por muitos até hoje como uma das equipes que proporcionaram um dos estilos de futebol mais vistosos. Contudo, foi eliminada pela Itália na segunda fase da competição por um placar de 3x2, com um dos dois gols marcados por Sócrates. Posteriormente, essa mesma seleção italiana se consagraria também tricampeã ao derrotar a Alemanha. A eliminação do Brasil foi considerada injustificável, visto que a equipe italiana havia tido uma fase inicial fraca. Ficou evidente que a Itália contou com a imprevisibilidade do futebol, onde o favoritismo nem sempre assegura a vitória, e a excepcional performance do atacante Paolo Rossi, autor dos três gols que definiram o confronto. Esse golpe foi tão duro para a seleção brasileira, que os autores comentam que

---

<sup>151</sup>Ibid. p. 167.

<sup>152</sup>CARDOSO, Tom. **Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 79-80.

essa derrota ficou conhecida como “Tragédia de Sarriá”, nome dado em função do Estádio Sarriá, local da partida.

A eliminação foi constatada como um dos piores dias da vida de Sócrates, porém seu desânimo foi colocado de lado, pois ainda precisava continuar com seu projeto da Democracia Corinthiana, que tomou proporções que nem ele esperava. O movimento chegou inclusive à cena musical brasileira, quando os jogadores, liderados por figuras como Sócrates e Casagrande, estavam engajados na atmosfera musical da época. Um momento emblemático foi durante uma noite, previamente planejada antes das eleições de novembro, Sócrates, Casagrande e Wladimir surpreenderam ao subir ao palco durante um show da renomada cantora Rita Lee. Eles cantaram a música “Vote em mim”, proporcionando um momento de engajamento político e interação com a plateia<sup>153</sup>. Casagrande, com a intenção de presentear Rita Lee com uma camisa do Corinthians para vestir durante o show, acabou esquecendo a peça. Com um gesto improvisado, Sócrates apareceu com sua camisa corintiana e a ofereceu à cantora, que também era torcedora do clube. Esse gesto foi um símbolo visual e uma expressão de apoio e conexão entre o movimento da Democracia Corinthiana e a cena musical da época.

*Figura 5 Show de Rita Lee com os líderes da Democracia Corinthiana*



Fonte: **Um presente para Rita Lee**. ESPN.com. Disponível em:

<[https://www.espn.com.br/video/clipe/\\_/id/12023459](https://www.espn.com.br/video/clipe/_/id/12023459)>. Acesso em: 19 nov. 2023.

<sup>153</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 214.

Durante a Democracia Corinthiana, a vida política dos jogadores foi marcada por um impacto significativo. Alguns atletas se engajaram diretamente com partidos políticos, demonstrando um interesse para além dos campos de futebol. Zé Maria se filiou ao PMDB, enquanto Casagrande e Wladimir optaram pelo PT, partido que contava com um dos fundadores, sendo o futuro presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Sócrates, por sua vez, escolheu uma postura mais independente, mantendo certa distância das filiações partidárias, o que desapontou alguns militantes de esquerda que esperavam tê-lo como aliado político. No entanto, nos anos seguintes, ele estabeleceu relações com diversas figuras políticas, como Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso, Lula, Eduardo Suplicy e Antonio Palocci<sup>154</sup>, permanecendo ativo no cenário político sem se vincular formalmente a um partido.

Além do envolvimento político direto, esses jogadores também aproveitaram sua visibilidade para transmitir mensagens políticas. Em um jogo realizado no final de outubro, contra o São Bento, o time entrou em campo com a mensagem "Dia 15, vote" estampada nas camisas, que buscava incentivar a participação nas eleições estaduais. Apesar de terem sido obrigados a remover a mensagem dos uniformes, conseguiram chamar atenção para a importância do processo eleitoral. Entretanto, esse período de intensa exposição e ativismo político trouxe consigo a parte ruim. Problemas pessoais e comportamentais afetaram alguns jogadores, como a situação em que Sócrates organizou uma festa antes de uma partida crucial, que acabou com uma derrota diante do São Paulo, e também quando Casagrande se envolveu com drogas, sendo preso no final de 1982 por posse de cocaína. Esses eventos chamaram ainda mais a atenção para o time, transformando cada jogo em um evento não apenas esportivo, mas também social e político, aumentando a pressão sobre os jogadores e a Democracia Corinthiana. Agora, não jogavam apenas para si mesmos ou para a torcida, mas também para um país inteiro que os observava atentamente. Em entrevista cedida a Downie, Biro-Biro, ex-jogador do Corinthians, comentou sobre isso:

“Nossa responsabilidade aumentava”, lembrou Biro-Biro. “Porque nós estávamos criando uma democracia que mexia com o país, pô, e cada jogo que a gente jogava era uma decisão. Cada jogo a gente tinha que ganhar e isso pegava a confiança do torcedor, do povo brasileiro. A responsabilidade aumentava, politicamente, por causa disso. Querendo ou não as pessoas levavam para o campo. Se a gente perdesse, se as coisas dessem errado, seria difícil (a democracia continuar). Sem dúvida, sentimos mais pressão.”<sup>155</sup>

---

<sup>154</sup>Ibid. p. 214-215.

<sup>155</sup>Ibid. p. 215-216.

A resposta veio em campo, quando novamente o Corinthians conquistou o campeonato paulista de 1982, enfrentando o São Paulo na final, um jogo tenso e marcado pelo gol decisivo de Sócrates. Antes do confronto final, a equipe se reuniu, sendo a última vez que se concentrariam obrigatoriamente, já que essa prática seria abolida no ano seguinte após votação feita no PSJ. No último jogo da temporada, o time garantiu o título com uma vitória por 3 × 1, uma conquista que significou muito mais do que um simples troféu, era o primeiro com a Democracia Corinthiana. Para Sócrates, esse título foi marcante não apenas por coroar sua melhor temporada até então, mas também por ajudar Casagrande a se tornar o artilheiro do campeonato.

Em seus gols, Sócrates comemorava erguendo o braço e cerrando o punho, que segundo Downie lembrava a postura de um militante engajado<sup>156</sup>. Embora não tivesse total certeza do que o levou a adotar essa comemoração, ela se tornou sua marca registrada. Mencionou mais tarde que uma das influências desse gesto foi a dos Panteras Negras no pódio da Olimpíada do México, em 1968, que deixou clara a sua posição antifascista. No entanto, esse gesto se alinhou perfeitamente com a sua vida política, o que fez adotá-lo com mais frequência e fazer parte de sua expressão política e esportiva.

*Figura 6 Sócrates e sua icônica comemoração.*



Fonte: JULIANO, Carolina. **Sócrates, o jogador que criou uma democracia própria em meio à ditadura.** Uol.com.br. Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/11/24/socrates-foi-o-jogador-de-futebol-mais-politizado-que-o-brasil-ja-teve.htm>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

---

<sup>156</sup>Ibid. p. 217-218.

Contudo, com a Democracia Corinthiana completando seu primeiro ano de existência em 1983, começou a enfrentar os principais problemas que começaram a desgastá-la. Cardoso e Downie compartilham que Adilson convocou uma reunião em fevereiro de 1983 no Parque São Jorge, onde cerca de 24 jogadores se reuniram para discutir a possibilidade de contratar Émerson Leão como goleiro. A reputação controversa de Leão dividiu opiniões entre os corintianos, pois enquanto alguns viam sua chegada como uma chance de fortalecer o time, outros temiam que sua personalidade conturbada pudesse ameaçar a harmonia já alcançada. Após diversos debates, a votação aprovou a contratação de Leão, porém a forma como Adilson conduziu a situação foi polêmica.

De forma surpreendente, revelou a todos que Leão estava presente na reunião antes mesmo da votação, Adilson já havia discutido anteriormente a contratação com os líderes do elenco, como Sócrates, Wladimir e Zé Maria, que tinham jogado com Leão na seleção e concordaram com a aquisição, fato esse que influenciou a decisão de Adilson<sup>157</sup>. Essa abordagem gerou críticas, questionando a legitimidade democrática do movimento, levando alguns a se referirem ironicamente ao grupo como a "democracia de quatro homens" ou "aristocracia corintiana"<sup>158</sup>. Porém, muitos jogadores do Corinthians, pouco familiarizados com processos democráticos e ética coletiva, não perceberam as falhas do sistema. Sócrates, embora ciente da injustiça, concordou com a decisão, acreditando na necessidade de contratar jogadores de alto nível para buscar o título do Campeonato Brasileiro.

A questão da contratação de Leão tornou-se um ponto crítico, expôs lacunas na compreensão do movimento pelos jogadores e alimentou tensões no vestiário. A chegada de Leão ao clube rapidamente gerou conflitos. Sua postura contrária ao movimento e sua crença de que jogadores de futebol não deveriam se envolver em questões políticas causaram atritos. Ele conquistou o apoio de jogadores reservas e jovens, minando a influência dos líderes do movimento. Essas tensões culminaram em confrontos durante a temporada e, após uma vitória na semifinal do Campeonato Paulista, Leão deixou o Corinthians após ser demitido por Adilson, em que ele sairia no final do campeonato paulista. Apesar das dificuldades, o time tentava conciliar os desafios políticos e a busca por resultados em campo, mantendo o foco no objetivo de fortalecer a Democracia Corinthiana.<sup>159</sup>

---

<sup>157</sup>CARDOSO, Tom. **Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 99.

<sup>158</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 222.

<sup>159</sup>Ibid. p 226.

Posteriormente, a nomeação de Zé Maria como técnico foi um ponto crucial na história da Democracia Corinthiana, mas também trouxe desafios. Após a saída do técnico Travaglini, a ênfase na preservação da autogestão ganhou força, e Zé Maria, respeitado e querido no clube, foi considerado o sucessor ideal para manter a continuidade desse movimento. No entanto, a transição de Zé Maria de jogador a treinador revelou-se complicada. Enquanto era admirado em campo, sua abordagem mais serena contrastava com a liderança firme e estratégica necessária para o papel de técnico, especialmente em um ambiente onde os jogadores tinham voz nas decisões.

A designação de Zé Maria também expôs fragilidades na estrutura de poder do movimento. A falta de uma liderança mais incisiva pode ter afetado o desempenho da equipe, refletindo em sua eliminação precoce no Campeonato Brasileiro da época. Isso levantou questionamentos sobre a eficácia da Democracia Corinthiana no cenário competitivo do futebol, especialmente diante da necessidade de decisões rápidas e estratégicas para o sucesso esportivo, onde o modelo democrático, ao fomentar processos de tomada de decisão inclusivos e responsáveis, tem o potencial de gerar soluções mais eficazes e sustentáveis. Contudo, em certos cenários, enfrenta desafios relacionados à agilidade e à eficiência imediata. Logo, a pressão externa e as críticas ao modelo democrático adotado pelo Corinthians aumentaram durante o mandato de Zé Maria como técnico, minando a confiança no sistema. A falta de resultados expressivos e a dificuldade em manter a estabilidade interna da equipe em meio aos desafios externos enfraqueceram a credibilidade da Democracia Corinthiana como modelo viável de gestão no futebol. Assim, a escolha de Zé Maria como técnico, embora motivada pela intenção de preservar os princípios da autogestão, destacou as limitações e fragilidades do movimento diante das exigências e pressões do mundo do futebol profissional.

O período de Zé Maria como técnico ficou conhecido como autogestão, e deu aos adversários do movimento uma nova oportunidade para atacar a Democracia Corinthiana. Nas palavras de Sócrates, tinha sido “a nossa maior vitória até então”, mas a ideia de jogadores comandando seu próprio time significou um abalo não só para as forças conservadoras que comandavam o futebol, mas também para os políticos, executivos e barões da mídia que temiam que o movimento se tornasse um modelo para as classes trabalhadoras que eles haviam controlado por tanto tempo. Os posicionamentos adversos se tornaram mais duros, especialmente na imprensa, e a Democracia Corinthiana, tão legal e inovadora em 1982, lentamente se transformou em algo que devia ser temido e desafiado.<sup>160</sup>

---

<sup>160</sup>Ibid. p. 227.

Por isso, Adilson trouxe de volta o técnico Jorge Vieira para retomar o bom futebol do time, tarefa essa que foi conquistada com sucesso após chegar em mais uma final de campeonato paulista. O time enfrentou novamente o São Paulo, que tinha certa vantagem devido às suspensões de Casagrande e Leão para o primeiro jogo. O São Paulo era comandado por Mário Travaglini, familiarizado tanto com os jogadores corinthianos quanto com Jorge Vieira. Sócrates teve uma ótima atuação na vitória por 1 a 0, marcando o gol decisivo, que levou a vantagem de um empate para o segundo jogo.

A partida seguinte tornou-se crucial para o Corinthians e a Democracia Corinthiana, que enfrentavam pressão desde o início da temporada, sem demonstrar o mesmo brilho do ano anterior. Enquanto discutiam sobre como marcar aquele momento, Casagrande expressou o desejo de evidenciar que a Democracia Corinthiana os havia conduzido à final: “Agora que chegamos à final, é hora de mostrar que foi a democracia que nos trouxe aqui.”<sup>161</sup> A sugestão de Adilson para uma faixa comemorativa foi ajustada para evitar sensibilidades políticas, resultando na icônica frase: “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia.” Essa mensagem foi prontamente autorizada e produzida, tornando-se um símbolo marcante do movimento, além das camisas que estampavam os dizeres: “Democracia Já”, “Quero votar para presidente” ou simplesmente “Democracia Corinthiana”, algo que incomodou bastante os militares, que pressionaram cada vez mais o movimento.<sup>162</sup>

O jogo foi equilibrado, com a vantagem a favor do Corinthians, principalmente quando faltavam quinze minutos para o fim e Darío Pereyra foi expulso. Apesar do placar permanecer 0 a 0, Sócrates, como sempre, estava presente para decidir. Nos acréscimos, ele recebeu um passe de calcanhar de Zenon e marcou o gol da vitória. Mesmo com o empate do São Paulo no último lance, o resultado foi suficiente e consagrou o Corinthians como campeão pelo segundo ano consecutivo, um feito que não ocorria há mais de trinta anos. O título, no entanto, não seria capaz de sustentar o movimento. Nas palavras finais de seu décimo capítulo, Cardoso diz o seguinte: “Enquanto Sócrates e companhia seguissem conquistando títulos, a Democracia Corinthiana seria o melhor dos modelos. Em 1984, a luta de Sócrates, porém, passaria a ser outra. Sobreviver ao assédio dos clubes estrangeiros e ficar no país. Num Brasil democrático”<sup>163</sup>.

---

<sup>161</sup>Ibid. p. 235.

<sup>162</sup>DIAS, Luiz Antonio, FARINA, Michelle Cucioli da Silva. **Preto no Branco: A Democracia Corinthiana nas páginas do jornal Folha de São Paulo**. Recorde, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-21, jul./ dez. 2016. p. 15.

<sup>163</sup>CARDOSO, Tom. **Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 108.



A partir desse momento, apenas Cardoso e Downie falam sobre o fim da Democracia Corinthiana, por isso a análise será utilizada com base nas duas obras. O ano de 1984 ficou marcado pela proposta da emenda das eleições diretas, que trouxe um ponto crucial na transição do regime militar para a democracia no Brasil. Seu objetivo fundamental era permitir que a população votasse diretamente para presidente, algo extremamente importante após anos de um governo autoritário.

No momento em que Sócrates se engajou ativamente nessa causa, o país testemunhava uma crescente pressão popular pela restauração da democracia, evidenciada por comícios massivos, como o ocorrido em São Paulo, onde mais de um milhão de pessoas se manifestaram a favor das eleições diretas<sup>164</sup>. Sócrates, reconhecido por sua influência como jogador de futebol, emergiu como uma figura central na defesa desse movimento. Ao utilizar sua notoriedade e voz, ele promoveu ativamente a ideia das eleições diretas. Sua participação, juntamente com outros jogadores do Corinthians, adotaram o amarelo como símbolo de apoio à campanha. A escolha dessa cor tornou-se um gesto simbólico em prol das eleições diretas. Ele e seus colegas no Corinthians incorporaram a cor em acessórios de jogo, como proteções de tornozelo, braçadeiras e faixas nos pulsos, como forma de expressar solidariedade à causa. Por meio de suas ações e engajamento ativo na campanha, não apenas demonstrou sua firme convicção na importância das eleições diretas, mas também incentivou outros a se envolverem nessa batalha pela democracia no Brasil.

Dito isso, Sócrates prometeu permanecer no Brasil caso as eleições diretas fossem aprovadas e após tanto lutar por elas, viu-se obrigado a deixar o país devido à reprovação da emenda no parlamento. Contudo, antes de sua partida iminente para a Itália, ele tinha pendências importantes no Corinthians. O clube estava às vésperas da fase decisiva do Campeonato Brasileiro, e ele almejava encerrar sua passagem com um título. No entanto, suas atitudes, ligadas a festas e compromissos pessoais, foram vistas como falta de profissionalismo, gerando cada vez mais controvérsias. Ademais, uma lesão muscular durante um evento beneficente em Ribeirão Preto agravou a já tensionada situação da Democracia Corinthiana, levantando questionamentos sobre o jogador mais influente do clube arriscar sua condição física em um momento crucial da temporada, provocando reações negativas. A honestidade de Sócrates ao revelar a lesão, mesmo ciente das repercussões, intensificou novamente as críticas ao movimento. Sua ausência em jogos importantes, devido à lesão, impactou o desempenho do Corinthians nos campeonatos.

---

<sup>164</sup>DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021. p. 242.

A reprovação da emenda das ‘Diretas Já’ afetou profundamente Sócrates. Sentindo-se desiludido com a transição rumo à democracia, ele então optou por aceitar a oferta da Fiorentina e deixar o Brasil. Sua promessa de permanência no país era genuína, mas a decisão política o forçou a se despedir. A iminente saída de Sócrates representou um duro golpe na Democracia Corinthiana, que já estava bastante enfraquecida. Com sua figura central deixando o clube, o movimento perdeu força, fato que levou outros líderes como Wladimir, Casagrande e Juninho Fonseca a seguir seu caminho, “cada um levando consigo um pedaço da Democracia Corinthiana”, nas palavras do próprio Sócrates<sup>165</sup>. A Democracia Corinthiana teve seu fim decretado quando Adilson perdeu as eleições presidenciais do clube em 1985, um final que deixou um símbolo de luta contra a ditadura e consagrou de vez a figura de Sócrates como destaque dela. Downie conclui seu 13º capítulo dimensionando quem foi o jogador:

Sócrates disse muitas vezes que todos os envolvidos no movimento, inclusive ele, poderiam olhar para trás em suas vidas e demarcá-las em dois estágios: o antes e o depois da Democracia Corinthiana. Essa foi a dimensão de sua importância. Mudou as pessoas para sempre.<sup>166</sup>

## 2.4 Considerações sobre a Democracia Corinthiana e o futebol em trabalhos acadêmicos

Entre as muitas pesquisas dedicadas à Democracia Corinthiana, destaco diversos trabalhos acadêmicos que expandem seu escopo para além da esfera historiográfica. Entre as principais obras que tive acesso, destaco a dissertação de mestrado em Educação Física intitulada “Democracia Corinthiana: Sentidos e Significados da Participação dos Jogadores”, de autoria de Mariana Zuaneti Martins, e o trabalho de conclusão de curso defendido por Michele Negrello, também na área de Educação Física, intitulado “Democracia Corinthiana: Da Gestão que Contrariou a Cartolagem até as 'Diretas Já' no Corinthians de Hoje”. Além disso, identifiquei várias outras abordagens provenientes de campos como sociologia, psicologia, jornalismo e diversas outras disciplinas, evidenciando um crescente interesse pelo tema. Entretanto, poucos deles são historiadores.

Dessa forma, para finalizar o segundo capítulo, irei realizar algumas breves considerações a respeito de como a Democracia Corinthiana e o futebol são tratados pelos historiadores, com base no artigo “Preto no Branco: A Democracia Corinthiana nas páginas do

---

<sup>165</sup>Ibid. p. 252.

<sup>166</sup>Ibid. p. 253.

jornal Folha de São Paulo”, do doutor em história social Luiz Antonio Dias, em conjunto com a mestrandia em ciências humanas Michelle Cuciol da Silva Farina. A investigação sobre a Democracia Corinthiana ainda carece de extensos estudos por parte dos historiadores, algo que demanda uma exploração mais profunda por parte do leitor que estiver interessado em uma abordagem mais completa vinda da esfera historiográfica. Dentre minhas pesquisas, consegui localizar apenas três trabalhos de historiadores<sup>167</sup> após várias páginas de trabalhos de outras áreas.

Nessa ótica, o trabalho de Dias e Farina oferece uma análise da interseção entre futebol, política e mídia, com foco na história do Corinthians e seu papel crucial durante um momento decisivo na história do Brasil, assim como fiz no meu segundo capítulo. Eles destacam a conexão entre a "Democracia Corinthiana" e o movimento pelas "Diretas Já", ao abordar a mudança de postura da imprensa, especialmente da Folha de São Paulo, que transitou de apoiadora do regime militar para defensora da abertura política.

Primeiramente, os autores abordam a respeito da inserção do futebol no ambiente acadêmico e a mudança na percepção desse esporte como objeto de estudo. Eles destacam como, historicamente, o futebol foi por muito tempo subestimado e não considerado um tema relevante para a pesquisa acadêmica, mesmo sendo um elemento cultural importante na construção da identidade nacional. Esta realidade apontada pelos autores se faz presente em nosso meio, a Universidade Federal de Uberlândia, onde, conforme o repositório institucional<sup>168</sup>, no Instituto de História (INHIS), há poucos trabalhos que tratam especificamente sobre o futebol, em comparação a outros temas culturais relevantes. Notavelmente, também não há qualquer artigo acadêmico sobre a Democracia Corinthiana: todos os trabalhos realizados até então são de universidades de outro estado. Contudo, este cenário inicial de poucas referências de historiadores é inspirador, pois com este trabalho, quero trazer o futebol para o âmbito acadêmico da universidade e contribuir com possíveis pesquisas futuras sobre o tema.

---

<sup>167</sup>Os trabalhos acadêmicos são “Ser campeão não é detalhe: um estudo sobre as representações da Democracia Corinthiana (1981-1985)”, um trabalho de conclusão de curso de Mauro Vinicius de Souza Floriano, localizado no repositório da Universidade Federal do Rio de Janeiro(UFRJ); A dissertação para o mestrado “Em busca do feitiço perdido: a revista Placar entre a Seleção Brasileira de 1982, a Revolução São-Paulina e a Democracia Corinthiana (1979-1984)”, de Max Filipe Nigro Rocha, localizado na biblioteca digital da Universidade Federal de São Paulo (USP) e por último artigo: “Preto no Branco: A Democracia Corinthiana nas páginas do jornal Folha de São Paulo”, que servirá de base para esse subcapítulo, que foi localizado no site de revistas da UFRJ.

<sup>168</sup>Repositório Institucional - Universidade Federal de Uberlândia: Página de Busca. Repositorio.ufu.br. Disponível em: <[https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/5169/simple-search?query=futebol&sort\\_by=dc.date.issued\\_dt&order=asc&rpp=100&etal=0&start=0](https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/5169/simple-search?query=futebol&sort_by=dc.date.issued_dt&order=asc&rpp=100&etal=0&start=0)>. Acesso em: 23 nov. 2023.

No que se refere a meu outro objetivo deste capítulo, os autores retratam a Democracia Corintiana como um símbolo de resistência e democratização em meio ao contexto político do país. Dentre os principais pontos destacados por eles, estão aqueles apresentados nas considerações finais do artigo:

1. Inovação na gestão esportiva: o modelo introduziu uma abordagem mais participativa, dando aos jogadores voz e voto em decisões cruciais, como a escolha do técnico, estratégias de jogo, contratações e dispensas, além de normas disciplinares.
2. Impacto na sociedade: além do âmbito esportivo, a Democracia Corintiana se estendeu para além do campo de futebol, engajando os jogadores em questões sociais do país. Isso demonstrou uma postura de responsabilidade social por parte do clube e dos jogadores envolvidos.
3. Conquistas e legado: sob esse modelo, o Corinthians conquistou títulos e alcançou estabilidade financeira, liquidou dívidas e gerou um saldo positivo considerável. O mais notável, no entanto, foi o símbolo que essa democracia representou, inspirando uma nação em meio a um período ditatorial.
4. Recepções: a abordagem da Democracia Corintiana gerou reações contrastantes. Enquanto alguns a viam como um modelo inovador e positivo, outros a criticaram, especialmente por considerarem um “excesso de democracia”<sup>169</sup> prejudicial aos resultados esportivos da equipe.
5. Fim e reflexão: apesar de sua relevância, a Democracia Corintiana teve um fim em 1985. Sua queda coincidiu com a espera por uma democratização mais ampla no Brasil, refletindo as frustrações e esperanças presentes não só na torcida do Corinthians, mas na sociedade como um todo.

Portanto, para os historiadores, a Democracia Corintiana não foi somente uma revolução na administração esportiva, mas um símbolo vívido do anseio por participação e democratização durante um período conturbado na história do Brasil. Seu impacto transcendeu o âmbito esportivo, moldando a percepção da sociedade sobre democracia e envolvimento político.

---

<sup>169</sup>DIAS, Luiz Antonio, FARINA, Michelle Cuciol da Silva. **Preto no Branco: A Democracia Corintiana nas páginas do jornal Folha de São Paulo**. Recorde, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-21, jul./ dez. 2016. p. 19.

Nas palavras de Sócrates, ao rememorar esta atmosfera de anseio por e de medo da democracia, nos anos 1980, que transcende as iniciativas individuais e que ecoam aos ouvidos dos contemporâneos ainda tontos pelos zumbidos da mídia durante o Golpe de 2016:

Durante a Democracia Corintiana, existiu um processo ideológico por parte dos veículos de comunicação mais conservadores a fim de caracterizar ou rotular nosso movimento como um sistema frágil perante a opinião pública. Alguns sentiam a necessidade de fazer isso, até porque a Democracia Corintiana passou a ter um peso na história do país, no processo de democratização pelo qual passava o Brasil<sup>170</sup>.

---

<sup>170</sup>SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. Democracia Corintiana: a utopia em jogo. la São Paulo: BoiTempo Editorial, 2002. p.83.

## Conclusão

“Quando eu morrer  
 Não quero vela nem pranto  
 Quero um caixão em preto e branco  
 Com a bandeira do meu coringão.  
 Muita música, mulheres, cerveja gelada  
 Mostrem pra rapaziada a força da nossa nação  
 Façam mais uma coisa por mim,  
 Uma placa escrita assim:  
 "Aqui repousa um campeão".” (Faeti, s.d)<sup>171</sup>.

Após deixar o Corinthians, chegou ao fim o auge da trajetória de Sócrates no futebol. Suas passagens por Fiorentina, Flamengo e Santos não conseguiram replicar a habilidade e a excelência que ele exibiu durante sua passagem pelo clube do Parque São Jorge. Aposentando-se em 1989, aos 35 anos, o jogador abraçou uma série de atividades após sua saída do futebol. Foi técnico do Botafogo de Ribeirão Preto, onde adotou métodos semelhantes aos da Democracia Corintiana, além de ter atuado como comentarista no canal SporTV. Mais tarde, voltou a perseguir seu sonho de cursar Medicina, buscando atualizar-se em relação ao tempo que ficara afastado. Contudo, seu vício persistente em bebida e cigarro teve um impacto drástico em sua saúde, resultando em sua prematura morte aos 57 anos.

Todos os autores analisados contam que a morte de Sócrates foi o desfecho de uma trajetória marcada por complicações decorrentes do consumo crônico e prolongado de álcool. Ao longo de anos, ele negligenciou a gravidade de seu problema, resistindo a qualquer mudança em seus hábitos. Mesmo diante de condições de saúde alarmantes, como hemorragias, cirrose hepática e episódios de coma, Sócrates persistiu em seu consumo alcoólico, ignorando alertas e recomendações de amigos e médicos. Apesar dos esforços desses indivíduos em sugerir um transplante de fígado e a necessidade emergencial de interromper o consumo de álcool, Sócrates manteve-se inabalável em sua recusa. Sua negação em reconhecer a gravidade de sua condição e a persistente resistência à assistência médica contribuíram significativamente para o agravamento de sua saúde. Ao longo do tempo, Sócrates foi hospitalizado repetidamente devido a complicações sérias, incluindo hemorragias e choque séptico. Apesar dos esforços incansáveis da equipe médica, sua condição continuou a deteriorar-se, culminando em sua morte às 4 horas 25 minutos da

---

<sup>171</sup>FAETI. Epitáfio Corinthiano. Vagalume. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/faeti/epitafio-corinthiano.html>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

manhã, em 4 de dezembro de 2011, resultado direto de uma série de complicações originadas de seu histórico de abuso de álcool e das severas condições de saúde que desencadeou, conforme evidenciado nas três biografias.

Sem mencionar uma data específica, como são mormente as narrativas míticas, Cardoso e Downie contam uma curiosa história de Sócrates, que é bastante difundida até entre a torcida corintiana, pois também já a conhecia antes de ler as biografias. Em um momento casual entre amigos, enquanto estava numa roda de chope no Bar Empório Brasília, em Ribeirão Preto, “Magrão” confessou um desejo que parecia antever seu próprio destino: “Quero morrer em um domingo e com o Corinthians campeão”<sup>172</sup>. De forma quase profética, seu desejo se realizou quando o Corinthians garantiu seu quinto título brasileiro ao vencer seu maior rival na tarde de domingo do dia 4 de dezembro de 2011. Mito ou verdade factual, coincidência ou não, o fato é que Sócrates participou de momentos relevantes da história do futebol e da sociedade brasileira.

Como conclusão, destaco a notável independência dos autores em suas abordagens. Apesar de que em certos momentos narraram os mesmos eventos, suas perspectivas são distintas, expressas através de palavras e visões próprias daquilo que colheram e vivenciaram. As três biografias, mesmo sem tentarem corrigir ou alinhar detalhes entre si, se complementam. Elas não apenas ampliam, mas também revelam diferentes facetas da vida de Sócrates e daqueles que o cercavam. Essa diversidade de abordagens enriquece a compreensão do personagem, oferecendo uma visão mais abrangente de quem ele foi.

Por esse motivo, cada autor forja uma representação singular de Sócrates como figura central na Democracia Corintiana. Cada abordagem delineia uma imagem distinta e particular desse período e do papel de Sócrates nesse contexto específico. Ao percorrer a biografia de Cardoso<sup>173</sup>, percebi que Sócrates e os outros líderes da Democracia Corintiana eram retratados como figuras igualmente relevantes. A narrativa, centrada no jogador, nunca o destacava isoladamente, mas sempre o entrelaçava com figuras como Wladimir, Casagrande e Zé Maria, evidenciando a dinâmica coletiva desse grupo marcante.

A biografia de Ribeiro e Casagrande<sup>174</sup> se diferencia notavelmente das outras, pois concentra-se principalmente na relação entre a dupla, ao contrário das outras, que abordam especificamente Sócrates, onde Casagrande é um personagem que fez parte de sua vida. Ao

---

<sup>172</sup>CARDOSO, Tom. **Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 231.

<sup>173</sup>CARDOSO, Tom. **Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014

<sup>174</sup>CASAGRANDE JUNIOR, Walter; RIBEIRO, Gilvan. **Sócrates & Casagrande: uma história de amor**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2016

longo do livro, Sócrates é apresentado como uma espécie de irmão mais velho para Casagrande, sua figura foi construída pelos autores como de uma pessoa a ser seguida e escutada. Embora essa obra não se aprofunde tanto na Democracia Corinthiana como as outras, ela explora de forma vívida o caráter e a personalidade de Sócrates por meio das experiências cotidianas compartilhadas entre eles.

O enfoque de Downie na biografia de Sócrates<sup>175</sup> difere notavelmente de Cardoso ao centralizar o jogador como a figura dominante na Democracia Corinthiana. Durante a leitura, mesmo com a participação de outros líderes no movimento, Sócrates parece ser retratado como o pilar central, por Downie que atribui exclusivamente a Sócrates a responsabilidade de explicar o evento, sugerindo que apenas ele detinha a capacidade intelectual, o que, na verdade, não reflete a realidade. Esse contraste fica mais claro ao comparar com Cardoso, que apresenta passagens onde Sócrates é visto em pé de igualdade com os demais personagens da Democracia Corinthiana.

A partir disso, conforme os autores apresentaram suas versões da vida de Sócrates, o motivo para que ele seja lembrado como figura principal do movimento é sua personalidade questionadora e rebelde, que enfrentava líderes políticos, seja eles do clube ou do estado, em busca de melhorias para si e as pessoas ao seu redor, chamava a atenção das pessoas, seja ela de maneira positiva ou negativa. Combinado ao seu estilo de vida desleixado, sua personalidade não refletia a sua qualidade dentro de campo e isso pode ser frustrante para certas pessoas. Essa combinação de características é crucial para compreender por que ele permanece tão presente na memória coletiva quando se discute a Democracia Corinthiana. Sócrates não apenas liderava, mas também resolvia questões dentro e fora do campo, independentemente de quem estivesse envolvido. Além disso, sua morte contribui para a potencialização da construção dessa lembrança. O interesse pela escrita sobre Sócrates supera consideravelmente<sup>176</sup> o de outros líderes do movimento. Enquanto Walter Casagrande tem suas autobiografias, Wladimir possui apenas uma biografia escrita por Hélio Alcântara<sup>177</sup>, enquanto Zé Maria, Palhinha e Biro-Biro não possuem nenhuma. Por sua vez, Sócrates é

---

<sup>175</sup>DOWNIE, Andrew. Doutor Sócrates. Tradução de André Kfour. Campinas: Editora Grande Área, 2021.

<sup>176</sup>As nove biografias de Sócrates incluem: “As crônicas do Bailarino” de Rafael Moraes; “Sócrates Eterno” e “Sócrates Brasileiro: Minha vida ao lado do maior torcedor do Brasil”, de Kátia Bagnarelli; “Sócrates, Brasileiro: As crônicas do Doutor em Carta Capital” e “Democracia Corinthiana: A utopia em jogo”, escritas respectivamente por Sócrates e a última em conjunto com Ricardo Gozzi; “A Democracia Corinthiana: Práticas de liberdade no futebol brasileiro.”, de José Paulo Florenzano, além das três biografias que foram amplamente utilizadas no trabalho

<sup>177</sup>A biografia se chama “Wladimir - O Capitão da Democracia Corinthiana” e foi publicada em 2021, pela editora Letras do Pensamento.



tema de nove biografias, incluindo uma autobiografia e um conjunto de crônicas que escreveu para a Carta Capital, onde seu primeiro de oito capítulos foi publicado em 2001.

As biografias de Sócrates atestam sua significância histórica e o profundo impacto que teve no âmbito esportivo e político, mas também sublinham a extraordinária complexidade de sua personalidade e o legado marcante que deixou como ícone da Democracia Corintiana. Sua figura é lembrada como um símbolo de coragem, liderança e dedicação à transformação social e esportiva.

É impossível enterrar um movimento como aquele, como insinuem muitos. Você o destrói pontualmente. Não há dúvida quanto ao fato de ter sido feito de tudo para acabar com a Democracia Corintiana. Mas a importância histórica e política de nossa mobilização nunca será perdida. Nada foi em vão<sup>178</sup>.

A luta de Sócrates e a democracia corintiana ecoaram não apenas no mundo do futebol brasileiro, mas transcenderam suas fronteiras, carregando consigo uma mensagem profundamente política e social. Eram mais do que movimentos esportivos, representavam uma busca fervorosa por democracia, pela participação ativa e pela voz dos jogadores na direção e destino do clube. A democracia permanece um tema central e desafiador até os dias atuais. Assim como Sócrates e seus colegas lutaram por mais participação e influência na gestão do clube, muitos brasileiros continuam a lutar por uma democracia mais justa, na qual todos tenham voz e influência sobre as decisões que moldam suas vidas. Estas são as bifurcações, entroncamentos, cruzamentos de caminhos que Sócrates viveu. Desempenhar um papel de luta tão significativo, num momento tão delgado da política brasileira, fazem com que ele tenha se tornado esse sujeito histórico, que ao preferir o futebol à Medicina, ainda encontra razões para ser lembrado pelos cidadãos que lutam por um país democrático.

Como no tempo de Sócrates, o receio em relação à democracia ainda persiste em muitos aspectos da sociedade. Existe resistência à participação ampla, ao debate aberto e à inclusão de diferentes perspectivas. No entanto, à semelhança da democracia corintiana que provou ser possível ter uma gestão participativa e idônea no futebol, sem contradizer a propalada eficiência do discurso pragmático, há esperança de que o Brasil possa avançar em direção a uma democracia mais sólida e inclusiva. A luta pela democracia é contínua e multifacetada, ultrapassando fronteiras além do campo político, abrangendo esportes, instituições sociais e o cotidiano. É um processo constante de aprendizado, adaptação e

---

<sup>178</sup>SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. Democracia Corintiana: a utopia em jogo. la São Paulo: BoiTempo Editorial, 2002. p.99.

persistência na busca pelos valores fundamentais de justiça, igualdade e participação. Conforme as palavras um tanto otimistas de Sócrates,

A consciência sobre as relações de trabalho já existe na cabeça do assalariado. Falta apenas espaço para ele expor as suas opiniões. Para mim, a evolução natural da humanidade e das relações de trabalho passa pelo processo de democratização, inclusive no futebol. É claro que isso depende muito de espaços a serem conquistados, de mudanças de mentalidade. O futebol é uma estrutura extremamente conservadora que tem medo do poder de seus artistas. Isso é natural. Em que estrutura organizada o trabalhador braçal tem mais poder do que o chefe? Só no esporte, só na arte. Então os donos do negócio tentam diminuir seus artistas para que eles não tenham consciência disso<sup>179</sup>.

Na avaliação de Sócrates Brasileiro, a democracia corintiana teria conseguido “provar ao público que qualquer sociedade pode e deve ser igualitária”. Que é possível abrir mão de poderes e/ou privilégios individuais ou de grupos em prol do bem comum. “Que a opressão não é imbatível. (...) Que mesmo as dificuldades nos são potentes professoras. Que o convívio com pessoas que pensam e agem de forma absolutamente fascista não é impossível”. Palavras tão fortes e tão desafiadoras à clima político contemporâneo, de uma sociedade cindida. É possível ainda se dar as mãos?

A memória social ainda evoca as palavras e as ações de Sócrates Brasileiro em sua luta pela democracia, em busca de inspiração daquele que lutou para um Brasil democrático e que assim como ele, também o fará caso seja preciso. Esta luta, como a vida de Sócrates também é cheia de contradições e de encruzilhadas, mas, ainda se alimenta das palavras do filósofo brasileiro, doutor do futebol: “Quem sabe um dia verei, mesmo que lá de cima, acontecer o mesmo com nosso país. Talvez nossa nação possa viver um amanhã justo, ético e puro.”<sup>180</sup>

---

<sup>179</sup>SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. Democracia Corintiana: a utopia em jogo. la São Paulo: BoiTempo Editorial, 2002 p.114.

<sup>180</sup>Ibid. p.126.

## Referências Bibliográficas

Acervo Santista. **Confrontos - Santos x Botafogo-SP** - Disponível em: <<http://acervosantista.com.br/confrontos-santos-x-botafogo-sp/>>. Acesso em: 11 nov. 2023.

ALPHA CHANNEL TV. **SÓCRATES & CASAGRANDE - UMA HISTÓRIA DE AMOR**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xZ1p9RZ7XgE>>. Acesso em: 23 out. 2023.

AVELAR, A. S. **A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões**. Revista de História (UFES), v. 24, p. 157-172, 2010.

AVELAR, A. S. **'Toda vida pode ser contada'. Razão histórica e biografia em Wilhelm Dilthey**. REVISTA DE TEORIA DA HISTÓRIA, v. 17, p. 301, 2017.

Botafogo Futebol SA. **HALL DA FAMA** - Disponível em: <<https://botafogofutebolsa.com.br/halldafama/>>. Acesso em: 12 nov. 2023.

CARDOSO, Tom. **Sócrates: A história e as histórias do jogador de futebol mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

CASAGRANDE, Walter - **Site Oficial. Wcasagrandejr.com.br**. Disponível em: <<https://wcasagrandejr.com.br/#biografia>>. Acesso em: 7 jul. 2023.

CASAGRANDE, Walter; RIBEIRO, Gilvan. **Casagrande e seus demônios**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2013.

CASAGRANDE, Walter; RIBEIRO, Gilvan. **Sócrates & Casagrande: uma história de amor**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2016.

Champagnat.org. **Missão Marista – Champagnat**. Disponível em: <<https://champagnat.org/pt/missao-marista/>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Di.ubi.pt. **PRIMEIRA EPISTOLA DA S. PAULO AOS CORÍNTIOS**. Disponível em: <<https://www.di.ubi.pt/~jpaulo/biblia/1Corintios.htm#:~:text=1%20E%20eu%2C%20irm%C3%A4os%2C%20quando,temor%2C%20e%20em%20grande%20tremor.>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Diário da Manhã, 18 de julho de 1976.

DIAS, Elder. **Sócrates não foi um craque que era boêmio: foi um boêmio que virou craque** - Jornal Opção. Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/reportagens/socrates-nao-foi-um-craque-que-era-boemio-foi-um-boemio-que-virou-craque-56022/>>. Acesso em: 23 nov. 2023.

DIAS, Luiz Antonio, FARINA, Michelle Cuciol da Silva. **Preto no Branco: A Democracia Corintiana nas páginas do jornal Folha de São Paulo**. Recorde, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-21, jul./ dez. 2016.

DOWNIE, Andrew. **Andrew Downie**. Disponível em: <<https://www.andrewwdownie.net/about>>. Acesso em: 6 set. 2023. (Tradução nossa).

DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução de André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021.

ESPN.com. **Um presente para Rita Lee**. Disponível em: <[https://www.espn.com.br/video/clipec/\\_/id/12023459](https://www.espn.com.br/video/clipec/_/id/12023459)>. Acesso em: 19 nov. 2023.

Estadiomaraçana.com.br. **Estádio Jornalista Mário Filho - Maracanã**. Disponível em: <<https://estadiomaraçana.com.br/maraçana/historia>>. Acesso em: 18 nov. 2023.

FAETI. **Epitáfio Corinthiano**. Vagalume. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/faeti/epitafio-corinthiano.html>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

Google Books. **Placar Magazine**. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/kxFV3>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

GOOGLE BOOKS. **Travessia**. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books/about/Travessia.html?id=qViUzQEACAAJ&source=kp\\_book\\_description&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Travessia.html?id=qViUzQEACAAJ&source=kp_book_description&redir_esc=y)>. Acesso em: 10 out. 2023.

Jornal da Tarde, 5 de agosto de 1978.

JULIANO, Carolina. **Sócrates, o jogador que criou uma democracia própria em meio à ditadura**. Uol.com.br. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/11/24/socrates-foi-o-jogador-de-futebol-mais-politizado-que-o-brasil-ja-teve.htm>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

KFOURI, Juca. **Meu fígado não está totalmente comprometido**. Folha de S.Paulo. 27/08/2011. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2708201102.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2023.

LANCE. **Dias após deixar a Globo, Casagrande revela motivo de saída da emissora - Lance!** Disponível em: <<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/dias-apos-deixar-a-globo-casagrande-revela-motivo-de-saida-da-emissora-ninguem-satisfeito-ninguem-feliz.html>>. Acesso em: 10 out. 2023.

MARTINS, Jaqueline Lemos. **O autor e o narrador nas tessituras da reportagem / Jaqueline Lemos Martins**. -- São Paulo: J.L. Martins, 2016. 267p.

Meu Timão. **Geraldão, ex-jogador do Corinthians**. Disponível em: <<https://www.meutimao.com.br/jogador-do-corinthians/geraldao>>. Acesso em: 13 nov. 2023.

MUNIZ JUNIOR, João. **Biografia e história: panteonização e iconoclastia em narrativas de Raimundo Magalhães Junior**. 2015. 283 f. Dissertação (mestrado) - Universidade

Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015. p. 16.

PIRES, Júlio Manuel. **O Desenvolvimento Econômico de Ribeirão Preto: 1930-2000.** Textos para discussão. Série Economia. Disponível em [https://www.fearp.usp.br/images/pesquisa/Anexos/Publicacoes/Textos\\_discussao/REC/2004/wpe43.pdf](https://www.fearp.usp.br/images/pesquisa/Anexos/Publicacoes/Textos_discussao/REC/2004/wpe43.pdf). Acesso em 14 nov. 2023.

Revista Placar, 27 de junho de 1980.

Revista Placar, 27 de novembro de 1981.

RIBEIRO, Gilvan - **Que fim levou? - Terceiro Tempo.** Disponível em: <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/gilvan-ribeiro-5892>>. Acesso em: 7 jul. 2023.

RODRIGUES, Bruno. **Andrew Downie: “Para cada um falando bem de Sócrates, tem outro falando ‘esquerdista de merda’**”. Medium. Disponível em: <https://medium.com/futebol-caf%C3%A9/entrevista-autor-biografia-socrates-2c5639175cb4> >. Acesso em: 24 out. 2023.

São Paulo FC. **Sobre o Morumbi.** Disponível em: <http://www.saopaulofc.net/estrutura/morumbi/sobre-o-morumbi>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

SÓCRATES. Entrevista. In: **Estreia de Sócrates | 20/08/1978 | CORINTHIANS.** Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EmtYAFoPZik>. Acesso em: 17 nov. 2023.

SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. **Democracia Corintiana: a utopia em jogo.** 1ª São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2002.

SCHUSTER, Simon. **Doctor Sócrates.** Disponível em: <https://www.simonandschuster.co.uk/books/Doctor-Socrates/Andrew-Downie/9781471154089>>. Acesso em: 6 set. 2023.

Sport Club Corinthians Paulista. **CLUBE - SEDE SOCIAL.** Disponível em: <https://www.corinthians.com.br/clube/sede-social>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

Terceiro Tempo. **Paulo Machado de Carvalho - Que fim levou?** Disponível em: <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/paulo-machado-de-carvalho-3737>>. Acesso em: 17 nov. 2023.